ILUSTRAÇÃO

N.º 248 — 11.º ano

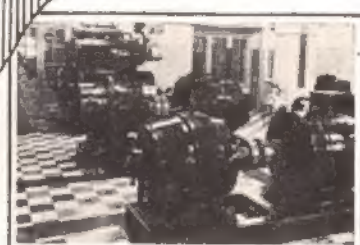
ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os telefones
e os "icebergs"
Com os serviços telefonicos sucede o mesmo que com os "ICEBERGS". A parte que não se vê, é muito superior à parte visivel.
Edifícios próprios para Estações Centrais
Centenas de empregadas telefonistas e de tôdas as categorias
O pequeno aparelho que V Ex.ª possue em cima da meza de trabalho, ou em sua casa, está em contacto com uma vastissima rede que compreende: milhares de kilometros de cabos subterraneos, milhões de kilometros de postes, milhões de isoladores, centenas de empregados e empregadas trabalham dia e noite para o vosso serviço, grandes edificios proprios encerram milhares de contos de reis em aparelhagem delicada e sensivel, que vai sendo sempre aperfeiçoada Nada disto se ve... e contudo existe Medite-se um pouco e chegar-se-ha a conclusão que
Caixas e cabos subterrâneos com milhares de quilómetros
Milhares de postes por tôda a parte
O TELEFONE
É DE GRAÇA
pelos serviços
que presta!!
Aparelhagem delicadissima avaliado em milhares de libras
Motores, Dinâmos, Transformadores, etc.

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 248 — 11.º ANO
16 — ABRIL — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

A atitude da Turquia ao pedir no Conselho da S. D. N. que lhe seja reconhecido o direito de re-fortificar os Dardanelos tem o seu quê de anacrónico que a torna a nota mais encantadora da política internacional nos últimos tempos.

Com todo o respeito que essa atitude nos merece, faz-nos pensar em Dom Quixote enlevado na prática das virtudes da cavalaria em manifesto desacôrdo com os usos da sua época.

Porque o gesto do govêrno de Angora é, sem duvida, nobre e digno. A sua reivindicação é legítima e atendível. Mas numa época em que os Tratados caem uns após outros impunemente violados, em que a política do facto consumado se consagra dia a dia com retumbantes exemplos, o recurso às vias legais assume um carácter cavalheiresco e raro.

Que se apele para a lei quando há a certeza de poder satisfazer-se por suas próprias mãos, eis o que nos parece digno de todo o elogio. E com isso a Turquia marca uma posição cheia de dignidade.

■

Do sistema de segurança contraposto pelo govêrno francês ao programa de paz apresentado por Hitler, faz parte a criação duma fôrça internacional ao serviço da S. D. N., destinada a assegurar o respeito pelos Tratados e a castigar os eventuais agressores.

Raras serão as pessôas que ainda creiam possível a realização dessa utopia. Mas especulando com a abstracção «Le Matin» fazia há dias esta sensata pregunta:

— E no caso de as fôrças da S. D. N. virem a ser derrotadas?

A hipótese é perfeitamente atendível. Um Exército, uma marinha e uma Aviação internacionais estariam sempre em inferioridade perante o inimigo, pois faltar-lhe-ia a animá-los, na luta, uma mística patriótica. A menos que se conseguisse imprimir a cada um dos seus elementos uma mentalidade genebrina, o que não se afigura possível.

A pregunta do «Matin» têm pois inteira razão de ser. E é no final um dos muitos aspéctos absurdos da velha ilusão de Briand.

■

Uma estatística prudente avaliava há tempo em sete biliões de libras o montante dos capitais ingleses investidos na Alemanha. Este facto explica, para muitos observadores maliciosos, alguns aspéctos dominantes no actual momento europeu.

Não se usa de severidade para com um devedor enquanto não se perdeu por completo a esperança de rehaver o dinheiro emprestado. Qualquer alfaiate faz diariamente a aplicação dêste princípio mercantil quando propõe a um cliente fazer-lhe um fato com mira em receber as prestações em atraso do anterior.

Por isso, Lucien Romier preguntava há dias em editorial do «Figaro»:

«Quem foi que falou aí em aplicar sanções financeiras à Alemanha?».

■

O escritor suíço Robert de Traz publicou ha tempo um admirável ensaio histórico intitulado «De l'Alliance des Rois à la Ligue des Peuples». O autor traça nesta obra o paralelo entre a Santa-Aliança e a S. D. N. e tira das analogias saborosos comentários.

Há no livro de Robert de Traz frases que não hesitamos em classificar de lapidares e que transcrevemos para aquelos que ainda não conhecem o livro:

«*Para o inglês a guerra é sempre mais ou menos colonial*...

«*Geograficamente colocada á margem do continente, a Inglaterra não pode admitir que êle realize a sua unanimidade sem ela, porque sabe que esta se faria contra ela*».

«*A hipocrisia inglesa tal como ela é por vezes imaginada no continente, não é mais do que a coexistência de dois sentimentos legítimos e igualmente sinceros*».

Falando dos Estados totalitários, o escritor diz-nos:

«*O homem consente em sofrer na sua vida privada porque é exaltado na sua vida oficial. Ao passo que na democracia a existência do Estado é comprometida ou humilhada em proveito das existências particulares*».

■

Num momento em que a Europa se encontra mais dividida do que nunca, esboçam-se pelo Mundo fora interessantes fenómenos de aglutinação em torno de certos objectivos. Os povos procuram aumentar a sua segurança pela união.

Assim, o Irak acaba de assinar com a Arábia saudista um pacto que fica aberto á adesão dos outros Estados muçulmanos. É sem dúvida, a primeira base prática, do tão falado movimento Pan-Arabe.

Por outro lado, o presidente Roosevelt projecta uma conferência Pan-Americana, que é conseqüência lógica da sua política exterior, em especial no que se refere á Lei da Neutralidade.

Dado que é impossível por agora a realização da Pan-Europa preconizada por tantos idealistas, porque não se pensa a sério em realizar em bases positivas a ideia da Pan-Latinidade?

■

A Suécia inteira segue com apaixonado interesse o romance amoroso do seu príncipe Bertil, neto do rei Gustavo e filho do príncipe herdeiro Gustavo Adolfo.

A história tem sabor e conta-se em poucas palavras. Ha tempo o príncipe conheceu uma encantadora rapariga, Margarida Brambeck, filha dum capitão do exército sueco. Os dois jovens não tardaram em reconhecer grandes afinidades nos seus gostos e maneiras de pensar e, como quási sempre sucede nêstes casos, apaixonaram-se mutuamente.

A família real da Suécia mantem tradições democráticas que não encontram paralelo em nenhuma outra casa reinante da Europa. Os casamentos morganáticos são numerosos entre os seus membros. E isto animou o príncipe a pedir autorização ao pai para se casar.

Êste mostrou-se, porém, insensível á novela amorosa e recusou o seu consentimento. Bertil não desanimou e recorreu para o avô, sabedor por experiência que encontraria ali maior benevolência.

Nãs se enganou. O rei Gustavo deu a sua autorização. Mas impôs uma condição e todos os que já amaram saberão compreender quanto ela foi dura para um coração apaixonado. Exigiu que durante dois anos os futuros noivos não se vissem. Se o amor sobrevivesse a essa separação consentiria o casamento.

Dito isto, nomeou o príncipe Bertil adido militar em Paris. A escôlha da cidade do luxo e do prazer não foi evidentemente casual. O bondoso e sábio rei Gustavo quis que a prova a que ia sujeitar o neto tivesse todo o seu valor. Expondo-o á tentação que a capital francesa representa para um príncipe, tiraria a prova real da constância do sentimento afirmado. Quanto a Margarida continuou em Estocolmo a trabalhar na casa de modas onde é empregada.

Pois o período de dois anos acaba de terminar. O príncipe Bertil mostrou-se digno duma novela romântica, renovando o seu pedido. E agora espera-se a realização da cerimónia que porá na história um feliz ponto final.

■

O conflito italo-etiope aproxima-se do seu desfecho. Não evidentemente aquele desfecho que a intervenção de Genebra pressupunha, isto é, a aplicação rígida da lei internacional. Mas sim o que resulta naturalmente da nítida diferença entre as fôrças adversárias. A derrota do Negus parece ser já um facto consumado e o avanço dos italianos sôbre Adis-Abeba segue em ritmo crescente.

A menos que a Inglaterra abandonando as vias de Genebra, retome as tradições dessa política do caminho da India, que determinou o incidente de Fachoda e tantos outros...

M. R.

Sigfredo ante Brunilda adormecida entre as chamas

O CREPUSCULO DAS LENDAS

Sigfredo era francês de raça

Wagner, ao criar a Tetralogia, pensou apenas em fazer arte

A orgulhosa Alemanha, que tanto se está empenhando em expurgar do seu seio todos os indivíduos extranhos à raça germânica, terá de banir da sua literatura o simpático Sigfredo que Wagner escreveu e musicou com o seu engenho potentoso. Sim, porque o heroi vagneriano é francês, quer os alemães queiram, quer não.

Quando o colosso de Bayreuth apresentou em público a famosa tetralogia do Anel do Nibelungo, a alma germânica delirou ante a grandeza dêsse semi-deus que, levando à sua frente a cavalgada das Walkirias, agonizava com o Crepúsculo dos Deuses.

A Alemanha professa tão grande culto pelo seu heroi que, durante a Grande Guerra, chamou *linha de Sigfredo* a uma das partes principais da defesa de Hindenburgo, que se estendia do Catelet a La Fere, e tinha por centro Saint Quentin. Mas, durante a batalha de Oise, a posição de Sigfredo foi forçada pelo exército de Debeney.

Se o Sigfredo era francês!

Wagner não se preocupou com essas ninharias. Entendeu, — e muito bem — que a verdadeira arte não tinha pátria, e criou o seu famoso drama musical.

A vaidade germânica inflava e erguia-se à fantástica região dos super-homens, tanto mais que o nome do heroi simbolizava vitória.

Sigamos Wagner na sua inspirada digressão:

Sigfredo é o fruto dos amores de Siegismundo e de Siglinda, e é a êle que está confiada a missão de libertar do seu rochedo a pobre Brunilda, adormecida pelo pai, Wotan, no meio das chamas. Sigfredo foi recolhido, educado e acarinhado pelo horrível anão Mime, que pretende utilizar-lhe o valor para arrebatar ao gigante Fafner o anel mágico que dá o poder e a fortuna ao seu possuidor. Sigfredo matará o dragão do qual Fafner tomou a fama.

O segundo acto representa a floresta onde se esconde Fafner. Sigfredo chega, seguido de Mime; atravessa com a sua espada a garganta do dragão, e apodera-se do anel. Este feito dá-lhe a faculdade de compreender o canto das aves. Uma delas canta-lhe ao ouvido, e faz-lhe conhecer o segredo de Mime, e o retiro de Brunilda. Sigfredo, dum golpe de espada, estende Mime a seus pés, e segue o pássaro condutor.

No terceiro acto, Sigfredo chega ao rochedo, onde encontra Brunilda adormecida. Apesar de Wotan, que quere detê-lo, consegue chegar junto dela; afastando as chamas, desperta-a, faz-se conhecer, e a profecia indicada na Walkiria realiza-se. Na mitologia escandinava, Sigfredo toma o nome de Sigurd, e era uma das principais personagens das tradições do Edda e da Volkungasaga. Educado na Dinamarca, na côrte do rei Hjœlprek, recebeu dêste soberano o cavalo Grano que corria mais veloz que o vento. O ferreiro Regen ofereceu-lhe a espada Gram que o tornava invencível, e incitou-o a matar o terrível Fafner que, transformado em dragão, guardava um tesoiro. Morto Fafner, o valoroso Sigurd mandou assar-lhe o coração, e, comendo-o, tornou-se capaz de compreender a linguagem dos pássaros que lhe disseram o perigo que o ameaçava, pois Regen, na ânsia de se apoderar do tesoiro, tencionava matá-lo à traição. Sigurd não esteve com meias medidas. Foi-se à procura do pérfido, degolou-o, e tornou-se senhor de tôdas as riquezas guardadas pelo dragão.

Partiu depois para o castelo onde a Walkiria Brunilda se encontrava sob a acção de um sono mágico, e despertou-a, prometendo-lhe casamento. Visitou, em seguida, o rei Gjuke, cativando logo as simpatias da rainha Grunilda que o quiz para genro. Como o heroi estava noivo de Brunilda, a soberana ministrou-lhe uma beberagem que lhe fez esquecer a promessa feita, realizando-se, a breve trecho, o casamento de Sigurd com a princesa Gudrun, filha de Gjuke.

Este engano levou os filhos do rei a assassinarem o heroi, acabando Brunilda por acabar com os seus dias na própria fogueira em que o cadaver do seu esposo estava sendo cremado.

Surgem, agora, os investigadores que pretendem esclarecer a verdade do mito germânico ou escandinavo.

Sigfredo, o heroi do poema germânico dos Nibelungos, era francês!

Wagner

Brunilda e Sigfredo

Filho do rei Segismundo da Neerlândia, herdou-lhe o trono e foi um grande soberano.

Diz-se que, tendo ouvido falar da grande beleza da princesa Cremilda, irmã de Gunter, rei dos borgonheses, solicitou autorização paterna para ir à conquista da dama dos seus sonhos. Partiu a caminho de Worms, onde o rei Gunter tinha a sua côrte, obtendo ali um carinhoso acolhimento. Para maior felicidade, a princesa Cremilda apaixonou-se pelo bravo Sigfredo que apenas aguardava o necessário consentimento do rei Gunter. Este desejava, por sua vez, a mão de Brunilda, rainha das Walkirias, tão formosa como cruel, que, segundo os conhecimentos geográficos dêsse tempo, vivia «do outro lado do mar». Para alcançar as suas boas graças de esposa, teria o pretendente de a vencer em três tremendas provas de torneio. Todos os candidatos que se afoitaram a enfrentar a terrível batalhadora, tombaram miseravelmente. Dir-se-ia que a formidável Belona se encarnara naquela mulher. Suspirava Gunter os seus receios, quando Sigfredo o alentou, prometendo ajudá-lo eficazmente. Mas como seria isso possível se ninguém conseguira ainda vencê-la?

Sigfredo explicou então que possuía uma lança mágica, cujos golpes eram infalíveis, e um capacete que o tornava invisível aos olhos mortais.

Em face de tão precioso auxílio, Gunter atira o cartel a Brunilda, e entra na liça com tôda a confiança, acompanhado por Sigfredo que ninguém vê. A rainha luta ardorosamente, mas sente-se atingida por golpes que não sabe donde partem, e tem de atribuir a Gunter que é o único que vê. Declarando-se vencida, consente em ser esposa do rei dos borgonheses. Como recompensa do auxílio prestado, Gunter concede a Sigfredo a mão de sua irmã Cremilda.

Mas a caprichosa Brunilda, ao aperceber-se da formosura de Sigfredo, pretende atraí-lo com meiguice, e evitar que êle se case com a cunhada. Se tivesse visto Sigfredo antes do combate, ter-se-ia rendido antes de tentar a prova. Sigfredo despresa-a com dignidade, e segue para o seu país com a encantadora Cremilda que sempre povoou os seus mais gratos sonhos.

Dez anos depois, sendo já o rei dos Países Baixos, Sigfredo vivia feliz junto da espôsa, quando foi convidado pelo rei Gunter a assistir a umas festas solenes que se realizavam em Worms. O ingenuo soberano acede sem suspeitar das tristes conseqüências que o despeito da vingativa Brunilda lhe poderia acarretar. Entra na côrte com todo o esplendor, e mais uma vez o seio da caprichosa soberana arfa maldosamente pelo impulso do seu amor próprio ferido.

Dias depois, Sigfredo era assassinado pelos sicários a soldo da rainha Brunilda. Sôbre o cadaver do heroi, a inconsolavel viuva chorou, dias e dias, a sua soledade. O rei Gunter, na intenção de a confortar, ofereceu-lhe o tesouro dos Nibelungos, de que era guardião zeloso. A desventurada viuva de Sigfredo, na ânsia de vingar-se, fez distribuir grande parte dessas riquezas pelos pobres, que logo a rodearam com a sua dedicação. Brunilda, ao aperceber-se de que a viuva estava criando, com o seu gesto generoso, um grande partido, arrancou-lhe o resto do tesouro que fez atirar ao fundo do Reno. Existe uma velha crença de que essa imensa fortuna ainda lá deve estar, aguardando o audacioso mergulhador que se decida ir à sua procura.

Não pretendemos seguir a história de Cremilda e sua família, história em que intervêm mais tarde o famoso Átila que foi o vingador de Sigfredo. O que nos interessa, nêste momento, é demonstrar que, tratando-se de uma lenda alemã, e considerando-a os alemães como uma joia da sua literatura, o heroi simpático, o atraente Sigfredo não é alemão, mas francês!

Em boa verdade, seja qual fôr o elemento fantástico, a época da acção decorre na segunda metade do século IV e primeiros anos do século V. Nessa época, a Neerlandia, ou seja a actual Holanda, era um país franco, ocupado pelos francos, que o invadiram nos fins da 3.ª centuria.

O rei Segismundo era, portanto, um rei franco sem mistura. Sigfredo, seu filho, não podia, conseqüentemente, deixar de ser franco também, embora os alemães o considerem como seu.

Em boa verdade, não faz sentido que a mocidade alemã se enleve na grandeza dêsse heroi lendário que poderia ter conseguido triunfar sempre através das maiores dificuldades, mas que não era alemão, nem coisa que se parecesse.

O que resta fazer agora, a bem da depuração dessa raça orgulhosa?

A nosso vêr, Sigfredo deve ser banido da mitologia germânica, e esquecida a epopeia wagneriana em todos os territórios do Reich...

Gomes Monteiro

MÁXIMAS POLÍTICAS

DE

HENRY DE JOUVENEL

Poucas recordações pessoais conservo da alta personalidade de Henry de Jouvenel, estadista francês recentemente falecido. Conheci-o só em fins de 1932, nas vésperas da subida de Hitler ao poder, quando passei em Paris, onde fôra enviado especialmente pelo meu jornal afim de esclarecer diversas questões da actualidade naquele momento na política internacional, entre os quais as relações franco italianas particularmente interessantes para a Áustria, e então muito tensas. Com efeito, foi nessa ocasião que o Quai d'Orsay decidiu nomear embaixador extraordinário em Roma, por um prazo fixo de seis meses, o senador Henry de Jouvenel, e creio ter sido o primeiro correspondente da Imprensa estrangeira a obter uma entrevista sôbre êsse assunto da parte do novo embaixador, a qual pude publicar em 14 de Janeiro de 1933, poucos dias depois da sua nomeação. Posso mesmo orgulhar-me de ter previsto nessa ocasião, em comentário às suas declarações, que êle realizaria, pelos seus esforços particulares e a sua maneira pessoal de proceder, a aproximação franco-italiana; e, como se sabe, êle foi na verdade não só o iniciador do «Pacto dos Quatro» — que se até agora, não passou do papel, pode contudo vir a ter utilidade no futuro como sucedâneo do Tratado de Locarno — como também aproveitou a sua estadia para estreitar definitivamente as relações entre as duas grandes nações latinas. É agora que se vê o êxito da sua obra, de que a Itália se pode felicitar na sua situação actual, que lhe seria muito mais embaraçosa sem os laços que lhe foram estabelecidos pelos cuidados de Henry de Jouvenel com a nação vizinha. E é o próprio Mussolini que, reconhecendo êste facto, nunca deixa de falar dêsse francês com a mais profunda admiração.

Fiquei desde então em relações de amizade com a família de Henry de Jouvenel, um filho do qual se tornou meu camarada na Imprensa e amigo particularmente querido. Foi êste que me mostrou em certa ocasião o manuscrito das «Máximas políticas». Li-o, como é natural com o maior interêsse. E pedi em seguida ao autor para me reservar os direitos de tradução e reprodução. Henry de Jouvenel acedeu ao meu desejo, mas só depois da sua morte me utilizei dessa concessão. Por esta razão, mesmo em França estas «Máximas» ficaram inéditas, e é-me possível oferecer hoje aos leitores da «Ilustração», as primícias dêstes seus pensamentos.

Quanto à vida pública do falecido é ela bem conhecida. Com a idade de 45 anos, foi eleito senador por Correze. No ano seguinte, 1922 foi ministro da Instrução Pública no Govêrno Poincaré. Em 1925, sucedeu a Sarrail no cargo de governador da Síria. Se não contarmos que fez parte, como ministro das Colónias, dum gabinete Doladier que durou apenas dois dias, pode considerar-se a sua carreira como terminada com a Embaixada junto do Quirinal.

Literato, exerceu o cargo de chefe de redacção do «Matin» e foi êle quem, num artigo «de fundo», lançou ao tempo a ideia de se honrar a memória do «Soldado Desconhecido». Tendo servido os Mortos, fundou e dirigiu depois a «Revue des Vivants».

As suas obras mais notáveis são «A vida tempestuosa de Mirabeau», «Economia dirigida», «A paz francesa» e «Oitocentos anos de revolução francesa». Deve reconhecer-se que êste homem excepcional se ocupava de todos os assuntos literários. Por outro lado, após o assassínio de Barthou foi presidente da Associação dos Jornalistas Parisienses, assim como da Casa dos Jornalistas em Paris. Casado várias vezes, foi tambem esposo da grande romancista Colette.

W. M. Ullmann — Viena

A vida económica moderna encontra-se por tôda a parte limitada pelas fronteiras das nacionalidades e o nosso tempo não conseguirá solucionar nenhum dos problemas com que tem de defrontar-se, se não se submeter decidamente ao dever da colaboração internacional.

■

Nada há de mais insensato em política externa do que as declarações de amor. As afirmações de ódio não têm, ao fim e ao cabo, força nem duração maior. Os povos esquecem tão depressa! Desmoronam-se alianças, o torvelinho das paixões dá voltas; a história está cheia de reconciliações e imprevistas mutações de cêna.

■

Em lugar de limitarmos a nossa política ao velho quadro europeu, dentro do qual cada um só pensa — quer seja com simpatia ou com ódio — no seu vizinho mais próximo, deveriamos reconhecer no futuro que o espaço em que até agora se desenvolveu a nossa história, não póde já encerrar a humanidade moderna.

Henry de Jouvenel

■

A religião é um poder internacional que o espírito laico têm de respeitar, pelo menos por êsse facto.

■

A burguesia intelectual que sucedeu, na qualidade de classe dirigente, à aristocracia, vê que por trás dela surge uma nova classe que está mais sôb a influencia da fábrica que da escola, e em que surtem maior efeito os problemas económicos do que políticos. O importante é não a obrigar a fazer uma revolução para alcançar o seu lugar ao sol.

■

Não eduquemos os nossos filhos na crença de que para além das nossas fronteiras começa uma floresta virgem.

■

Se um francês entra para uma associação profissional não o faz para defender os seus interesses materiais, mas para defender as aspirações comuns dos homens. Quando luta não se bate pelo seu país, mas por uma questão de princípios. O estrangeiro têm inteira razão em considerar essa atitude dos francêses como um engano feito a si próprios. Seja como fôr, o nosso carácter nacional é assim.

■

O texto, a letra da Lei não é tudo. A arte de aplicá-la, quere dizer, de ajustar a rigidez da lei à mobilidade tão solta e flexível da vida, é precisamente o que reforça de modo especial as forças das Sociedade.

■

As rixas políticas trazem sempre consigo o inconveniente de criar mártires. E os mártires têm o inconveniente de ter direito a reparações. O problema das reparações é sempre extremamente difícil de resolver.

■

Quanta surpresa nos proporciona o observar como os povos estão pouco sujeitos a influencias reciprocas! São inúteis os esforços para os aproximar por meio do telegrafo, do telefone, do Caminho de Ferro e da Imprensa. Cada povo conserva a sua fisionomia própria, entusiasma-se em política com idéas do alcance local, sem se preocupar sequer com o que o vizinho pensa ou faz.

■

O segredo da arte da política consiste, hoje em dia, em renunciar à arte dos segredos.

■

A maior invenção de Marx e dos escritores marxistas foi terem criado uma mística do egoísmo, humanizando com isso o sentimento religioso nos homens, por terem trazido novamente para a Terra a esperança, cuja realização foi posta pela religião para depois da morte, substituindo assim, ao sonho da vida futura, o do Estado futuro, cuja realização parecia mais próxima.

■

A fôrça do sistema parlamentar não se baseia tanto nas lutas que se levam a cabo no interior dos Parlamentos, como se exterioriza mais forte ainda por meio da influência que o Parlamento exerce sôbre a vida exterior, a vida cotidiana do país.

Henry de Jouvenel.

O 14.º ANIVERSARIO DUM GRANDE FEITO

A partida de Gago Coutinho e Sacadura Cabral

para o seu glorioso "raid" ao Brasil

foi solenemente comemorada no Centro de Aviação Naval do Bom Sucesso

Fez no dia 31 do mês findo 14 anos que Gago Coutinho e Sacadura Cabral largaram vôo do Bom Sucesso, no hidro-avião «Lusitânia», a caminho do Brasil. A histórica data foi comemorada êste ano com o merecido relêvo, tendo-se realizado uma cerimónia evocativa no Centro de Aviação Naval, ponto da partida da gloriosa viagem.

Teve a iniciativa dessa comemoração o ministro da Marinha, sr. comandante Ortins de Bettencourt, que um ano antes do «raid» acompanhou os dois herois no vôo de ensaio à Ilha da Madeira. Foi designada a hora a que o «Lusitânia» levantou vôo: às seis e meia da madrugada.

Compareceram no Centro de Aviação Naval de Lisboa os srs. vice-almirante Sarmento Saavedra, major-general da Armada; contra-almirante Oliveira Muzanty, chefe do Estado Maior Naval — comandante, durante o «raid», do aviso «República», o navio que salvou os aviadores nos Penedos de S. Pedro e S. Paulo — contra-almirante Mata e Oliveira, superintendente da Armada; capitão de mar e guerra Almeida Henriques, director da Escola Naval; capitão de fragata Luiz Cas, imediato do aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque»; capitão-tenente Pedro Rosado, comandante do torpedeiro «Sado»; antigos oficiais do aviso «República», a quando do «raid»; os alunos mais classificados da Escola Naval, etc.

O sr. ministro da Marinha chegou às 6,30 horas e foi recebido pelos srs. capitão-tenente José Cabral, director da Aeronáutica Naval, 1.º tenente Gomes Namorado, comandante do Centro de Lisboa e oficiais que ali prestam serviço.

Dentro do «hangar», ornamentado com bandeiras e iluminado, viam-se o «hidro» Santa Cruz, em que os aviadores chegaram ao Rio, um aparelho do tipo do primeiro hidro-avião português, uma interessante e perfeita «maquette» do Centro do Bom Sucesso e retratos de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, envoltos em bandeiras. Falou em primeiro lugar o sr. comandante José Cabral que fez a evocação do feito dos herois aviadores portugueses.

O sr. ministro da Marinha proferiu depois um discurso em que cotejou o «raid» de Gago Coutinho e Sacadura Cabral com a viagem de Pedro Alvares Cabral, mais de quatro séculos antes.

No final os assistentes prestaram continência aos dois herois. Seguiu-se uma demorada visita às instalações do Centro e por fim foi servido no edifício do comando um «Porto de Honra» em que se trocaram afectuosos brindes.

O sr. comandante Ortins de Bettencourt lendo o seu discurso

O ministro com a oficialidade junto do avião «Santa Cruz»

Um aspecto da visita ministerial ao Centro de Aviação do Bom Sucesso

NO REINO DOS PALHAÇOS

Prodígios de circo

Um espectáculo cheio de vida e movimento que não perde nenhum dos seus atractivos

HÁ quem não goste do circo, quem o julgue um espectáculo inferior, próprio só para crianças ou multidões simplórias. Acusam-no de excessiva ingenuidade, pelas graças despretenciosas dos palhaços, ou da barbarie, pelos números em que o artista joga a vida para gaudio dos espectadores.

Apreciação injusta de intelectuais «blasés». O circo é, muito ao contrário, um espectáculo cheio de vida, de movimento e de emoção. Há que admirá-lo na sua singeleza, desataviado de cenários e convenções, e na sua verdade, pela exibição nua dos seus prodígios. Mas há sobretudo que vê-lo com olhos jovens, com optimismo e alegria de viver.

O circo é essencialmente o espectáculo da mocidade. Não apenas dos que não sentiram ainda o rodar devastador do tempo, mas de todos que guardam dentro de si, em plena pureza, as faculdades emotivas. Por isso o povo, que sabe preservar a sua vitalidade e juventude melhor do que tôdas as «élites», lhe manifesta com exuberância a sua predilecção.

O espectaculo do circo difere profundamente de todos os outros. Mas engana-se quem julgar que lhes é inferior só porque se dirige a sensações mais primitivas. Em arte a simplicidade de processos, longe de facilitar a criação, dificulta-a. Assim sucede no circo.

O artista do circo não está como o de teatro isolado do público pelas luzes da ribalta que erguem entre êle e a sala uma fronteira de convenções. Não se move no ambiente irreal do palco em que mil factores tendem a criar uma ilusão. Desce à pista e entra no contacto directo do espectador, apresenta-se-lhe desprotegido e confiante apenas nos seus recursos. É êsse o seu mérito. As suas armas são a perícia, a audácia, a agilidade ou a paciência. E com umas ou outras, e por vezes com tôdas conjugadas, que deslumbra e conquista o público. E não lhe fica em geral margem para imperfeições. O comediante pode interpretar mal o seu papel, esquecer uma frase ou desvirtuar a intenção do autor sem que a plateia disso se aperceba. O equilibrista não pode desviar-se um milímetro dos limites que inflexíveis leis naturais lhe impõem. O êrro é algumas vezes a morte, ou pelo menos um acidente grave. E o público tem para êle severidades que o actor desconhece.

Mas a despeito de tôdas estas dificuldades, quanta fantasia e quanta variedade o espectaculo do circo nos proporciona!

São os domadores que nos apresentam os prodígios da sua paciência e da sua tenacidade, a prova irrefutável da superioridade da nossa espécie sôbre os irracionais. Leões, tigres ou elefantes manifestam a sua obediência perante a vontade consciente ou dominadora. Raros são os animais que se lhe eximem totalmente. Há tempo, um homem apresentou no circo o primeiro grupo de zebras amestradas, resultado que durante largo tempo foi considerado impossível. Outro celebrizou-se por exibir um leão montado a cavalo, dupla vitória sôbre a ferocidade do felino e sôbre o instinto de conservação do solípede.

E no capítulo dos animais amestrados citemos ainda as focas, de surpreendentes recursos, e outros como as pulgas, que se não exigem a resoluta coragem necessária para afrontar feras, não requerem menos por isso tesouros inesgotáveis de paciência. Passemos depois aos «jongleurs» e malabaristas que maravilham com a assombrosa precisão dos seus movimentos. Nesses exercícios feitos sem esforço aparente, que conservam sempre qualquer cousa de mágico, há muitos anos de perseverante aplicação. É fora de dúvida que a intuição desempenha aí papel de primeiro plano. Mas para chegar a dominá-la quantos sacrifícios e quanta dedicação a um objectivo!

O mesmo se pode dizer dos atiradores de facas que circundam um alvo humano com as suas pontarias infalíveis. E no dia em que elas perdem esta última característica o espectaculo interrompe-se tràgicamente.

Falemos agora dos equilibristas, dos voadores, de todos êsses artistas que afrontam a lei da gravidade, com os seus perigosos exercícios. Pertence-lhes muitas vezes o «clou» do programa. O público gosta de os ver evoluir sôbre o abismo, de seguir angustiado as suas deslocações no espaço, em plena trajectória dum trapézio para outro. O artista por sua vez, corresponde a êste estímulo da curiosidade, procurando sem cessar exceder-se a si próprio, aumentando as dificuldades, algumas vezes aceitando com relutância a protecção insuficiente da rêde.

Dir-se-ia, ao observá-los, que o arrojo humano e o desprezo pela vida não têm limites. E também que nada é impossível quando vemos um homem em precário equilíbrio sôbre um delgado arame, dar um salto mortal e cair de pé sôbre a mesma base linear.

Vêm depois os «clowns» que despertam a gargalhada sã com as suas facécias em que não há perversidade nem jôgo de palavras, mas apenas a graça simples do movimento. E quem se atreverá a contestar-lhe uma arte cheia de elevação, quando o «clown» se chama Grock ou Charlot?

Com os seus processos ingénuos, talvez primitivos, o circo é uma escola admirável da vida que constitui em si um mundo aparte, o mundo onde vivem os anões e os gigantes, os homens que parecem furtar-se às leis do equilíbrio e os outros que zombam da gravidade. Tudo ali é estranho e diferente, sem ser no entanto irreal e ilusório como no teatro ou no cinema. O circo é como que uma imagem reduzida da vida, em que se acentuaram os contrastes até ao exagero.

Charlot viveu nesse meio. Conheceu-o intimamente, como palhaço modesto que levava bofetadas e partia louça para fazer rir o público. Reconhece que deve a êsse ambiente único o melhor da sua experiência. O seu célebre filme «O circo» inspira-se nessas recordações do começo da sua carreira e é, sem dúvida, das obras mais realistas e emotivas que o genial cómico nos tem dado.

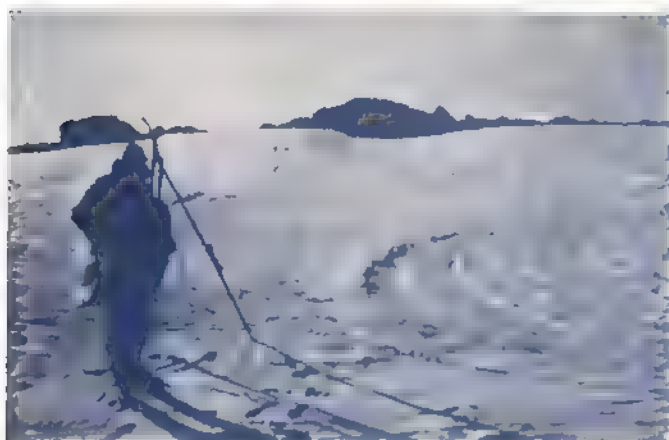
Não têm razão por isso os que manifestam desdém pelo circo. É um espectaculo que merece a nossa admiração.

O DESPORTO EMOCIONANTE DA NEVE

PORQUE NÃO VEM ATÉ À SERRA FAZER "SKI"?

▲ Um formoso contra-luz durante uma paragem para repousar e admirar a bela paisagem

■

A ascensão a caminho das alturas onde o horizonte é mais [illegible] e o ar mais puro ▼

JÁ viu a neve?

Suba até cá acima, à serra, onde o esperam. A neve está muito branca e rija, aguardando mais botas ferradas e encerados *"skis"* . . .

Porque não vem?

Se já viu neve, conhece decerto a beleza dos longes cobertos de alvo manto, cortada aqui e além, pela sombra escura de uma rocha de forma caprichosa.

Conhece, com certeza, a alegria que há em deslisar pela neve: — entregar-se confiante à estabilidade que os *"skis"* lhe oferecem e ao apoio dos *"batons"* . . .

(Já reparou que andar pela neve trás uma alegria especial, um prazer de descoberta, de iniciação . . . ?)

Lembra-se das corridas nas pistas em que os *skieurs* experimentados fazem prodígios?

Lembra-se decerto. Como também estão ainda gravados na sua memória certos trambulhões que deu, quando se aventurou a empresas de grande vulto.

Que belos dias que então passou!

Hoje, há mais neve do que, quando cá esteve.

Eu, no seu caso, aproveitava.

Na serra estão todos à sua espera. Há aqui raparigas encantadoras que aguardam mais um companheiro. Activam-se os preparativos para animada travessia da serra. Os *"skis"* têm mais parafina. (Até já se sabe o itinerário a seguir). Os sacos de lona estão a abarrotar.

■

Entretanto, não partem.

É que esperam a sua chegada para irem para a neve.

(Na montanha, todos pequenos perante a natureza, não há egoismos.)

Duas desportistas ▲ que preparam a corrida veloz sôbre o declive macio da neve

■

O maravilhoso aspecto das Penhas Douradas cobertas por vasto manto de neve ▼

Não os faça esperar.

O dia está lindo. Há sol. E cá em cima o sol põe cintilações estranhas na neve. Tudo reluz.

Esteja certo de que não se arrependerá e de que, no regresso, levará consigo algumas, muitas recordações deliciosas.

Porque espera?

J. A.

A CIÊNCIA DA DESTRUÏÇÃO

Surpresas duma guerra futura

As prováveis condições técnicas duma nova conflagração mundial

Um dos primeiros «tanks» construídos pela Alemanha em violação do Tratado de Versalhes

No momento inquietante em que vivemos a hipótese duma nova guerra desenha-se com angustiosa nitidez.

Que caracter teria um conflito armado, por certo mais cruel e horroroso que o de 1914 a 1918?

Não saberíamos responder a esta pregunta. Nem é nossa intenção fazer antecipações duma maior ou menor fantasia.

Nas linhas que se seguem procuramos apenas resumir uma parte do muito que se tem escrito sôbre o progresso da ciência da guerra e as novas armas que seriam chamadas a tomar parte na luta.

Sistemas defensivos

A trágica experiência da Grande Guerra determinou um extraordinário desenvolvimento das chamadas armas defensivas. A França, sobretudo, país sinceramente pacifista, procurou pôr o seu território a salvo de novas invasões, não se poupando para isso a esforços. Da actual situação da Europa pode concluir-se como certo que a Alemanha vai fazer o mesmo na Renânia. Assim duas barreiras poderosas se erguerão face a face, neutralizando a acção dos dois Exércitos inimigos. E' possível que êste facto só contribua para tornar a guerra mais cruenta e renhida. Mas o que é fora da dúvida é que, no caso duma nova conflagração entre a França e a Alemanha, os elementos defensivos exercerão um papel de decisiva importância.

As modernas fortificações não podem ser comparadas a quaisquer outras até hoje empenhadas numa acção militar. Daí resultará elas modificarem a estratégia num sentido que não é possível, por enquanto, prever inteiramente.

O objectivo fundamental duma linha de defesa é o estabelecimento de fogos de barragem cruzados que tornem impossível a progressão do inimigo. E' o que sucede, por exemplo, na linha Maginot — a que nos referimos nestas páginas, ultimamente. Os campos de tiro das obras fortificadas que as compõem interpenetram-se de tal modo que uma coluna que procurasse forçar a passagem seria posta entre dois fogos. As ravinas e depressões do terreno fora do alcance dos fogos da barragem ficariam sob a acção de obuses e morteiros de trincheira. Outra função essencial das fortificações é assegurar a protecção dos armamentos e efectivos que as guarnecem. Para isso as construções são quási inteiramente subterrâneas. Esta circunstância torna impotentes contra elas, até certo ponto, os ataques da artilharia e da aviação. De facto nenhuma granada até hoje conhecida pode interessar as partes vitais dessas obras formidáveis enterradas a uma profundidade de 20 a 70 metros. Quanto aos pontos vulneráveis, que estão reduzidos ao mínimo, encontram-se, como se sabe, guarnecidos com poderosas blindagens de cimento e aço.

Um obus da fábrica Skoda

Uma arma poderia contudo vencer a mais bem defendida das fortificações — os gases asfixiantes. Mas a hipótese não foi esquecida.

Extensas canalizações subterrâneas aspiram o ar fresco a grande distância na retaguarda. Aparelhos especiais comprimem-no depois no recinto das fortalezas. Uma vez que a pressão atmosférica é ali maior os gases são repelidos. Assim, mesmo sob espessas nuvens de tóxicos os soldados poderiam permanecer nos seus postos. O recurso às máscaras só se faria no caso de vir êste dispositivo a falhar por qualquer avaria. Mas ainda nesta hipótese existem grandes filtros destinados a absorver e neutralizar os gases e portas estanques destinadas a limitar-lhes a expansão dentro do recinto das fortificações.

Finalmente as fortalezas comunicam tôdas entre si por meio de profundas galerias. Visto que nada se pode considerar absolutamente inexpugnável a hipótese de uma delas cair em poder do inimigo foi também considerada. A posição perdida seria nesse caso isolada por meio de um sistema de portas accionadas mecânicamente, que nada ficam a dever em solidez às das caves do Banco de França.

A única deficiência apontada no sistema defensivo da fronteira do nordeste da França, é que a linha fortificada não tem profundidade, isto é, não está apoiada por outro sistema que prossiga a resistência no caso de ela vir a ceder. Parece que os técnicos militares franceses contam porém com uma linha de artelharia que no caso de o inimigo transpor as fortificações faria fogo sôbre estas, o que, como já vimos, em nada afectaria, os que as ocupassem.

Restam os meios de defeza passiva. Em certas regiões, como em frente do Sarre, no vale do Mosa e na Bélgica, está previsto um sistema de inundações que tornaria muito difícil e moroso o avanço do inimigo. Noutros pontos grandes extensões de terreno estão semeadas de carris de ferro plantados ao alto, que tornam impossível o avanço dos «tanks».

O Exército motorizado

Um dos factores dominantes na organização dos Exércitos modernos é a motorização. Entre outras innovações, a última guerra europeia fez aparecer nos campos de batalha os carros de assalto e as auto-metralhadoras. A mobilidade destas armas deu-lhes desde logo

Uma peça de artilharia motorizada

Um avião-torpedeiro lançando o seu projectil

papel preponderante na estratégia militar. A luta passou a fazer-se em velocidade. E os progressos feitos neste sentido são tão consideráveis que, num recente discurso, o rei Leopoldo III da Bélgica exprimiu o receio de que uma súbita invasão alemã poderia atingir o coração do país poucas horas depois de ter violado a fronteira. Existem actualmente em todo o Mundo numerosos tipos de «tanks». Os mais vulgares, cujo pêso varia de 10 a 20 toneladas, destinam-se a apoiar a infantaria. Alguns são dotados de grande velocidade — mais de 60 quilómetros por hora — de modo a poderem intervir de surprêsa.

Vem a seguir os carros de combate, dum pêso aproximado de 35 toneladas. São armados de canhões de grande calibre. Há os com peças de 75 e diz-se até que de 105. Possuem blindagens fortíssimas, o que não os impede de se deslocarem a velocidades consideráveis.

Os «tanks» de pêso superior são classificados como carros de rotura. A França possui alguns de 70 toneladas. Diz-se que os alemãs estudam um modêlo que poderia ir até às cem toneladas. Verdadeiras fortalezas rolantes, êstes carros destinam-se a forçar as linhas de resistência, abrindo caminho a outros engenhos mais ligeiros.

Quanto às auto-metralhadoras existem dois tipos: ligeiras e pesadas. As primeiras montadas sôbre 4 rodas pesam cêrca de 3 toneladas; as segundas, com seis rodas, tem aproximadamente um pêso duplo. Podem marchar para a frente ou para trás, à mesma velocidade.

Ainda com o objectivo de aumentar a mobilidade e fazer intervir na luta o factor da surprêsa, a artelharia encontra-se, na sua maior parte, motorizada. O transporte das peças é feito por tractores. Em alguns casos mesmo, as peças estão montadas sôbre veículos automóveis que rápidamente se transportam ao ponto da frente da batalha onde a sua presença é requerida.

Nestas condições, o esqueleto dum Exército moderno pode considerar-se constituído pelas suas formações motorizadas. O serviço de patrulhas é feito por auto-metralhadoras e motocicletas. O reconhecimento do terreno incumbe aos carros de assalto ligeiros. A infantaria é transportada ao local da acção em veículos rápidos adaptados à marcha sôbre qualquer terreno, e entra em acção apoiada pelos «tanks» e pelo fogo da artelharia motorizada que muda instantâneamente as suas posições, acompanhando o avanço.

A táctica da ofensiva adquire assim um carácter novo que já se esboçou na Grande Guerra, mas que atingiria agora todo o significado. Rápidamente reunidas num determinado ponto da frente da batalha, as formações mecanizadas podem desencadear uma acção tão fulminante como inesperada.

A França tem consagrado particular cuidado à motorização do seu Exército. Escusado será dizer que a Alemanha, a quem o Tratado de Versalhes proibia estas armas

Artelharia moderna

nem sequer esperou pela denúncia oficial das cláusulas militares dêsse tratado para dotar o seu Exército com um apreciável número delas. Segundo os técnicos, o Reich possui actualmente de 2000 a 2500 carros de assalto ligeiros. A sua inferioridade neste ponto perante a França ainda é sensível, mas não é fácil dizer quando deixará de sê-lo.

A passagem dos cursos de água

Em todos os tempos os cursos de água têm constituído linhas de resistência às invasões, pela relativa facilidade para os defensores duma das margens em obstar a travessia. Uma guerra futuro veria talvez as condições de combate sôbre um rio consideravelmente modificadas. Os técnicos conseguiram realizar o «tank» anfíbio, que se desloca com igual facilidade em terra ou na água. O problema consistia em isolar o motor e dar ao pesado engenho condições de flutuação na água. Parece que as duas condições foram satisfatoriamente resolvidas. Os referidos «tanks» podem navegar de vinte minutos a meia hora. Estão, portanto, em condições de forçar a passagem dum rio relativamente largo, desalojando o inimigo da margem oposta.

Uma operação dêste género não poderia, evidentemente, ser feita apenas por carros de assalto. A ocupação pela infantaria é indispensável. Assim, a questão do apoio por parte desta foi tambem estudado. O exército alemão, por exemplo, possue jangadas pneumáticas, de peso mínimo, que podem transportar um grupo de homens. Estas jangadas são feitas de borracha e dobradas representam um pequeno volume. No momento de servirem são enchidas com ar. São formadas por diversos compartimentos isolados, de modo que o furo duma bala só afecta uma parte e não implica o esvaziamento total.

A eficácia destes e outros factores é por enquanto uma incógnita, que só a trágica experiência duma guerra revelará.

O concurso da aviação

A intervenção da arma aérea por forma diversa da usual tem ocupado a atenção de alguns investigadores. Um inventor norte-americano propôs se fazer transportar carros de assalto em aviões. O projecto nada tem de irrealizável, mas a sua utilidade parece contestável. Em rigor pode admitir-se a descida de «tanks» na retaguarda das primeiras linhas adversárias. Mas a sua acção seria limitada por falta de apoio e ficariam condenados a uma destruição quási certa, a menos que por um ataque combinado estabelecessem ligação com a sua frente rom-

Uma metralhadora contra aviões

pendo as linhas inimigas. Está no mesmo caso a descida em para-quedas de tropas de ocupação. O exército russo realizou ha tempos manobras nêsse sentido. Mil para-quedistas lançaram-se no espaço armados de metralhadoras ligeiras e ao tocar no solo entraram imediatamente em acção. A possibilidade duma operação dêste género ficou demonstrada. Mas não é fácil dizer em que condições estratégicas ela poderia ser aplicada. Além do que o emprêgo duma tão considerável massa de aviões não corresponderia á importância do resultado. Parece poder depreender-se daqui que, na hipótese duma próxima guerra, a aviação se limitaria a exercer o seu papel tradicional.

A luta no mar

As condições da guerra naval são dominadas hoje pela aviação. O grande couraçado tem no avião o seu mais perigoso inimigo. Mas seria errado concluir pela supremacia decisiva duma arma sôbre a outra.

Os Almirantados das grandes potências têm-se empenhado, nas novas construções e nas já existentes, em reforçar as blindagens das cobertas. É duvidoso, contudo, que se consiga assegurar uma protecção suficiente contra os poderosos engenhos de destruição que um grande avião de bombardeamento pode lançar.

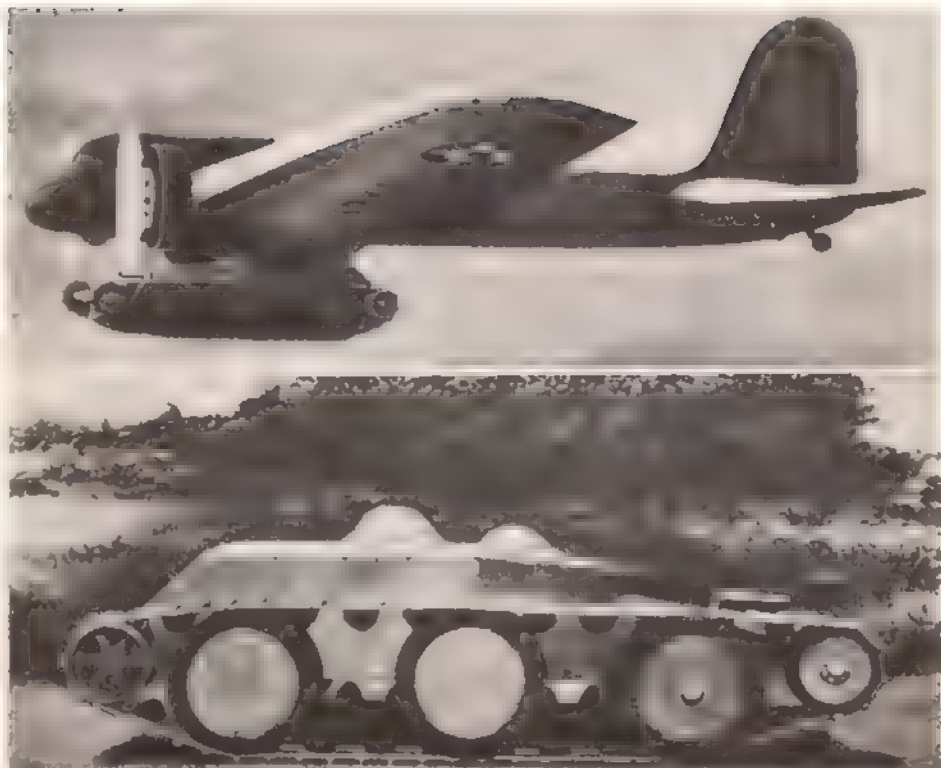
O armamento anti-aéreo tem sido também aumentado. O jornal inglês «Daily Telegraph» revelava ha tempo, a êste respeito uma innovação curiosa. Dois barcos de guerra britanicos de tonelagem média encontram-se quási exclusivamente armados com peças anti-aéreas de grande alcance e precisão. Constituem assim uma espécie de baterias flutuantes destinadas a acompanhar o grosso das esquadras e a protegê-las dos ataques dos aviões.

A grande incógnita dum futuro combate naval continua, porém, a ser, como já há tempo aqui fizemos notar, a intervenção dos aviões-torpedeiros. As condições particulares de ataque dêstes aparelhos constituem uma grave ameaça para as grandes unidades navais.

Mas o seu poder de agressão tem sido possivelmente exagerado e é muito provável que não se confirmem as previsões dos que afirmam que um ataque combinado de vários aviões representa a destruição inevitável do barco alvejado.

Uma innovação de largas consequências consiste no aparecimento de barcos minúsculos dotados de grande velocidade e poderoso armamento. Diz-se que os alemães constroem actualmente dêsses barcos que serão accionados por motores a óleos pesados de 1000 cavalos de força, e tripulados apenas por 3 ou 4 homens.

A missão dêstes navios consistiria em atacar de surpresa as grandes unidades e fugir imediatamente. Dadas as suas reduzidas dimensões teriam possibilidade de escapar ao fogo do inimigo. Mas como, uma vez atingidos, ficariam irremediavelmente destruidos, chamam-se-lhe «vedetas sacrificadas» ou «navios suicidas».

O valor dêste sistema de ataque não pode ser menosprezado. Basta recordar que, durante a Grande Guerra, o poeta d'Annunzio obteve grandes êxitos atacando durante a noite com

O invento dum engenheiro norte-americano: o tanque transportado em avião

um gasolina a esquadra austriaca fundeada em Trieste. A aviação constitui por outro lado, uma ameaça para as bases navais. Os alemães

A passagem dos cursos de água. Um tanque anfíbio

resolveram, em parte, o problema construindo na ilha de Sylt um gigantesco abrigo em cimento armado para submarinos. Trinta dêstes barcos podem ali refugiar-se e reabastecer-se para voltar a exercer no mar a sua acção destruidora.

Atribue-se também aos alemães um invento sensacional e da maior importância, um sistema de propulsão electrica dos torpedos, suprimindo a esteira que assinala a trajectória do projectil. Este aperfeiçoamento é terrivel, pois era observando a esteira deixada pelo torpedo que os navios de guerra tinham alguma possibilidade de escapar à sua acção.

A arma química

De tôdas as armas, a química é, por certo, a que nos reserva maiores surpresas. E' que nêste caso o segrêdo militar é mais fácil de conservar e torna-se quási impossível saber os elementos com que os diversos Estados Maiores contam para o caso dum conflito.

O que parece, no entanto incontestável é que a actividade dos laboratórios tem sido grande em vários paises do mundo e dela devem ter resultado, verosimilmente, algumas descobertas sensacionais.

Além dos gases já conhecidos como o fosgénio e a iperite, fala-se noutro que, sendo em princípio pouco tóxico, tem a possibilidade de se combinar com os filtros do carvão das máscaras vulgares, tornando-se um veneno enérgico.

Diz-se que os alemães estudaram também o bombardeamento de terrenos com bombas de arsénico, de modo a tornar impossível, durante certo espaço de tempo, a passagem por êles da infantaria.

E' por outro lado quási certo que as bombas incendiárias e os lança-chamas têm sido objecto de grandes aperfeiçoamentos e participariam numa nova guerra com redobrado vigor.

A guerra bacteriológica, em que muito se falou, parece posta de parte. Os alemães realizaram nêste sentido profundas investigações, chegando ao ponto de fazerem experiências em Paris — a ser certo o que os jornais franceses afirmaram — com culturas dum micróbio inofensivo, o *micrococus prodigio*.

A eventualidade do emprêgo dessa arma não deve ser desprezada. Mas as suas pavorosas consequências ameaçariam do mesmo modo atacantes e atacados e êsse facto parece ser suficiente para obstar ao seu emprêgo.

Soldados da Reichswehr sôbre uma jangada pneumatica

ILUSTRAÇÃO

EVOCANDO O PASSADO

VASCO DA GAMA EM MELINDE

Glórias e atribulações do grande navegador

PASSOU mais um ano sôbre o desembarque de Vasco da Gama no reino de Melinde, facto que inspirou ao nosso épico imortal as páginas eternas dos «Lusíadas».

No dia 15 de Abril de 1498, o grande navegador chegou a essas paragens, tendo recebido o mais carinhoso acolhimento que poderia imaginar se durante os nove dias que ali se conservou.

O que teria dito o Gama ao rei de Melinde? Embora não tivesse usado o estilo grandíloquo e corrente que Camões lhe concedeu nas oitavas do seu poema, conseguiu, ainda assim, convencê-lo e captar-lhe a amizade a tal ponto que o rei melindano lhe deu um piloto habilíssimo para o guiar na travessia do Oceano Índico com rumo a Calicut.

Tremenda decepção lhe estava reservada!

No entanto, Vasco da Gama seguia confiante na sua estrêla e nas instruções que os conhecimentos científicos da época lhe puderam fornecer. Nada faltava a bordo, em sua opinião, visto que, tendo essa expedição sido projectada com grande antecedência por D. João II, e meditada profundamente por nautas da envergadura de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã, tôdas as providências haviam sido adoptadas. D. Manuel não olhara a despesas, elevando a 7 cruzados o soldo dos marinheiros, o que representava uma verdadeira exorbitância naquela época. A Vasco da Gama mandou dar 2 mil cruzados de ajuda de custo, e iguais importâncias a Paulo da Gama e Nicolau Coelho. A bordo da pequena frota, segundo refere Gaspar Correia, nas «Lendas da Índia», seguiam, além de armas, joias, gomis, panos de seda e oiro, muitas conservas e águas minerais, e em cada nau tôdas as coisas de botica para doentes, e mestre e clérigo para confessar.

Assim apetrechado, seguiu Vasco da Gama o seu destino.

Quando chegou a Calicut, notou logo que os ventos não lhe eram favoráveis como em Melinde. Notavam-se a frieza e a hostilidade estampadas nos rostos bronzeados dos moiros. Mandou pedir uma audiência ao samorim que imediatamente lha concedeu, rodeando-se de tôda a magnificência de que seria capaz o soberano do grande império das riquezas e comércio do Oriente.

Quando o grande navegador lhe expôs o desejo do rei de Portugal em encetar relações comerciais com a Índia, o samorim manifestou o maior desdém inspirado na pouca ostentação da embaixada e na pobreza dos presentes que Vasco da Gama lhe ofereceu em nome do soberano português. Desde então, o nosso navegador foi tratado com verdadeiro desprezo, e, a não lhe valer a sua energia e intrepidez, teria acabado ali funestamente, sob as numerosas ciladas que lhe urdiram.

Concorreram também muito para o desprezo manifestado pelo samorim, os mercadores moiros, monopolisadores do comércio, que se haviam inquietado com a chegada daqueles homens enviados por um rei poderoso a celebrar alianças com os soberanos orientais. Moveram, então, tôdas as intrigas para se desfazerem de tão terríveis concorrentes, começando por insinuar aos ministros que seria melhor destruir a armada.

Vasco da Gama, dando largas à sua bravura, conservou a bordo, como reféns, seis naires dos mais graduados, conseguindo rehaver assim os seus tripulantes que tinham sido presos injustamente. Trocados os portugueses pelos malabares e removidos os últimos embaraços, foi marcada definitivamente o regresso da expedição.

Ainda os naturais e os moiros tentaram nova cilada, pois andando os navios em calma, foram assaltados por setenta pretos que tentaram destruí-los. Graças à serenidade de Vasco da Gama, e ao fogo intenso das nossas bombardas, os agressores debandaram com pouca vontade de voltar.

Não deixava saudades ao nosso glorioso navegador o reino de Calicut!

Após 26 meses de penosos trabalhos, conseguiu regressar a Lisboa, dando aso a que D. Manuel acrescentasse ao seu título de rei de Portugal e dos Algarves, o de «senhor da conquista, navegação, comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia», chegando a cunhar moeda com esta legenda.

Compreende-se, portanto, a brilhante recepção que o glorioso descobridor recebeu em Lisboa. D. Manuel, por carta régia de 22 de Fevereiro de 1501, prometeu-lhe o senhorio de Sines, e enquanto não entrasse na sua posse, fez-lhe doação de um padrão de 1.000 cruzados de oiro, como tensa, impostos na casa da Mina. Em 10 de Janeiro de 1502 foram lhe doados 300 mil reais de renda anual de juro e herdade para êle e todos os seus descendentes, sendo elevado à categoria de almirante do Mar das Índias, com todos os direitos, honras, preeminências, liberdades, poder, jurisdição, rendas e foros concedidos ao almirantado do reino. Foi-lhe conferida também a mercê do tratamento de *Dom*, não só a êle, mas aos seus irmãos Aires e Teresa, e a todos os seus descendentes que deveriam conservar o apelido de Gama, em memória de tão egrégios feitos.

Como recompensa, Vasco da Gama nada mais poderia desejar. A sua poderosa influência tudo conseguia. Foi Vasco da Gama quem indigitou Pedro Alvares Cabral para comandante da segunda expedição à Índia, embora fôsse seu desejo comandá-la. E assim se deu a descoberta do Brasil.

Vasco da Gama desejava voltar à Índia para se vingar das ofensas que recebera em Calicut. Não podia morrer sossegado, enquanto não mostrasse ao orgulhoso samorim a grandeza do poder lusitano e o quanto era perigoso ofender os portugueses.

Esta aspiração, realizou-a no dia 10 de Fevereiro de 1502, saindo de Lisboa com o comando duma armada de vinte velas bem apetrechada.

Vingou-se bem cruelmente. Encontrando no dia 3 de Outubro uma nau que transportava 300 peregrinos de Méca cercou-a, e mandou deitar-lhe fogo. Disseram-lhe que entre êsses peregrinos se encontravam muitas mulheres e crianças, mas tudo foi em vão para o demover do seu propósito. Estava ali para se vingar e não para dar ouvidos a lamúrias piedosas. Queimassem tudo, e, para maior ultrage aos moiros, fôssem retiradas vinte crianças que receberiam o baptismo. Nada mais. Tôda essa gente morreu ou afogada ou carbonizada ante o sorriso cruel do terrível navegador que assistia à execução da sua ordem.

Não satisfeito ainda com esta crueldade, destruiu a cidade de Calicut, não deixando pedra sôbre pedra.

Quando regressou a Lisboa, no ano seguinte, embora D. Manuel o recebesse com grande solenidade, não o escolheu para 1.º vice-rei da Índia, como seria de esperar. Calcula-se que as crueldades praticadas por Vasco da Gama tinham causado péssima impressão no espírito do rei e do povo.

Não obstante continuar a presidir, como almirante do Mar das Índias, à organização das esquadras que partiam para o Oriente, D. Manuel retirara-lhe todo o seu valimento, chegando até a ofendê-lo, como quando lhe proibiu o uso dos títulos de *Dom* e de conde da Vidigueira, embora lhos tivesse concedido! Tempos depois proibiu-o de visitar a sua querida Sines, cujo senhorio lhe prometera, e só porque nessa vila se encontrava um membro da família real!

Quando Vasco da Gama se lhe apresentou a solicitar o comando duma nova esquadra, pois sentia a ânsia de continuar a sua tarefa de descobrimentos, o rei de Portugal recusou-se terminantemente a atendê-lo, salientando-lhe que a sua acção de descobridor havia terminado para sempre.

Tentou então Vasco da Gama o derradeiro esfôrço, e solicitou do soberano a necessária licença para se ausentar para o estrangeiro.

Para quê? Para ir servir outro rei — o de Castela, por exemplo — que melhor soubesse agradecer os seus serviços e reconhecer as suas faculdades.

Sorriu D. Manuel ante a ousadia do descobridor das Índias. Podia ir, se assim lhe aprazia, mas não antes de seis meses. Entretanto, ia dar realização a vários projectos que Vasco da Gama conhecia mais ou menos, e não queria que êle o prejudicasse.

O famoso descobridor do caminho marítimo das Índias curvou a cabeça, conformado, e aceitou todas as humilhações que lhe faziam com uma resignação de santo. Ninguem diria que estava ali o feroz perseguidor dos filhos de Calicut.

Se era aquela a vontade do seu rei e senhor, que se cumprisse inteiramente, pois dos seus lábios contraídos pela mágua, não sairia o mais ligeiro lamento.

E assim, o grande navegador foi desterrado para Évora, onde se conservou até à aclamação de D. João III.

Como as notícias chegadas da Índia fossem desoladoras em face do escandaloso govêrno de D. Duarte de Menezes, o novo monarca encarregou Vasco da Gama de ir castigar o culpado e assumir o cargo de vice-rei, com todos os poderes e vantagens que para si quizesse e para os seus filhos.

Foi ainda em Abril que o glorioso navegador viu realizado o seu sonho, saindo do Tejo com rumo ao país maravilhoso no qual reúnia as suas aspirações mais gratas.

Em boa verdade, a ingratidão do rei D. Manuel foi avolumada pelo imortal renome que Vasco da Gama adquiriu com o rolar dos séculos. No momento em que o soberano pôs de parte os serviços do grande navegador, êste gesto passou quasi despercebido. D. João III entendeu, anos depois, reparar o agravo.

Os feitos dos grandes homens assemelham-se ao rufar dos tambores: tornam-se mais sonoros à distância.

ILUSTRAÇÃO

O MAIS LEVE QUE O AR

Vitórias e revezes do dirigível rígido

O «Graf Zeppelin» e o «Hindenburgo» realizações da ciência germânica

A controvérsia entre os partidários do «mais leve» e do «mais pesado que o ar» de que Júlio Verne nos dá uma saborosa descrição no seu livro «Robur o conquistador», não está ainda terminada. As duas soluções opostas do problema da navegação aérea continuam ainda hoje a defrontar-se e, diga-se em verdade, com resultados incertos.

Dum lado está o avião, cujos progressos nos últimos tempos são assombrosos Do outro, o dirigível cujas realizações práticas são incontestáveis. A qual dêstes caberá no futuro a supremacia nas viagens de longo curso? Eis o que não pode por enquanto dizer-se com segurança

A maior parte dos países têm tomado posição contra o «mais leve que o ar» O facto tem origem em sucessivos desastres que fizeram perder a confiança nos dirigíveis. Assim a França após o misterioso desaparecimento do «Dixmude», a Inglaterra depois do desastre do «R 101» sôbre Beauvais e os Estados Unidos com a tragédia do «Macon», parecem ter renunciado por largo tempo a construção dessas aeronaves.

Na Alemanha sucedeu precisamente o contrário. O desenvolvimento dos dirigíveis rígidos foi considerado uma questão de prestígio nacional. De resto êles foram sempre uma especialidade alemã e nenhum outro país lhes tem dedicado cuidados tão perseverantes nem tem sido tão feliz na sua utilização

Poucas pessoas sabem, de facto, que de 1910 a 1914 voaram na Alemanha seis dirigíveis comerciais que transportaram 37 000 pessoas sem o mais pequeno desastre. Veio depois a guerra e as proezas dos «zeppelins» ficaram célebres

Após o armistício, a Alemanha dedicou-se novamente à construção de aeronaves Em 1920 encontravam-se dois prontos e um terceiro a acabar A Comissão Fiscalizadora Inter Aliada ordenou, porém, que os primeiros fôssem entregues à França e à Itália e o último aos Estados Unidos, a título de reparações

A construção esteve suspensa durante sete anos, mas os estaleiros foram conservados e em 1927 começou a construir-se, sob a direcção do dr. Eckener, um novo dirigível que ficou pronto no ano seguinte e recebeu o nome de «Graf Zeppelin».

Esta aeronave, que já por duas vezes passou em Lisboa, tornou-se mundialmente célebre A sua fôlha de serviços, sob o comando do sábio construtor, é brilhantíssima. Fez várias viagens aos Estados Unidos, cruzeiros ao Polo Norte e aos trópicos e uma viagem de circum-navegação do globo, com que defrontou vitoriosamente dois tufões. A partir de março de 1932 passou a fazer carreiras regulares entre Friedrichshafen e o Rio de Janeiro. O número de travessias do Atlântico que efectuou orça por uma centena. A distância total que percorreu excede em muito um milhão de quilometros. Até Fevereiro de 1935 as suas estatísticas mostravam que tinha transportado 27 000 pessoas, 5.500 000 volumes postais e mais de 40 toneladas de mercadorias. De tôdas as suas missões o «Graf Zeppelin» desempenhou-se sem o mais ligeiro incidente ou contratempo para as pessoas ou encomendas que transportou. Recordemos que por ocasião da última revolta no Brasil esteve impossibilitado de descer por o aeródromo se encontrar em poder dos revoltosos. Por essa razão, foi obrigado a pairar até repressão do movimento, tendo-se conservado no ar durante 116 horas, o que constitue um «record».

Êstes resultados animadores levaram os alemães a empreender a construção de outro dirigível que recebeu provisoriamente o nome de «L. Z. 128» e mais tarde foi baptizado com o de «Hindenburgo». É êste que acaba de fazer a sua viagem inaugural ao Brasil com inteiro êxito, apesar duma avaria num motor, que serviu afinal para demonstrar as suas admiráveis condições de navegabilidade. De dimensões duplas do «Graf Zeppelin» o «Hindenburgo» reune todos os aperfeiçoamentos em matéria de navegação aérea. A sua principal innovação é que os motores são alimentados a óleos pesados, o que deminue consideravelmente os riscos de incêndio. No seu conjunto, êsses motores desenvolvem 4 400 cavalos de fôrça e o dirigível transporta cêrca de 65 toneladas de combustível

O confôrto dos passageiros atinge no «Hindenburgo» um grau de perfeição muito superior ao dos seus antecessores. Possue duas cobertas, e a superfície utilizável pelos passageiros é cêrca de quatro vezes maior que a do «Graf Zeppelin». As instalações interiores compreendem um salão de jantar, gabinetes de leitura, beliches para 50 pessoas e uma sala de fumo.

Esta gigantesca aeronave pode, sem ventos contrários, deslocar-se a 150 quilómetros por hora e manter esta velocidade durante dia e noite O tempo das suas travessias do Atlântico não admite, portanto, confronto com o dos mais velozes barcos.

Os pormenores técnicos a atender na construção dum dirigível são numerosos e da escrupulosa observação de cada um dêles depende o bom êxito do conjunto. Assim, entre a resistência e o pêso tem de estabelecer-se um compromisso, que é de importância vital. Emprega-se por isso nestas construções uma liga metálica que alia a leveza à solidez. Essa liga é conhecida pelo nome de duralumínio Tôda a carcassa metálica da aeronave é constituída por inumerável quantidade de pequenas barras de duralumínio algumas das quais tem a espessura dum lápis. Cada uma dessas peças é objecto dos mais meticulosos cuidados, o que bem se compreende sabendo que a rotura duma delas pode provocar um rasgão no envólucro por onde o vento, introduzindo-se acabará por destruir o dirigível

No interior do bojo da aeronave e ocupando a maior parte do espaço encontram-se os balões que lhe dão o seu poder de flutuação Antigamente êsses balões eram cheios de hidrogéneo. Actualmente, porém, usa o hélio, que embora tendo o inconveniente de ser mais caro e ter menor poder ascensional, oferece a importante vantagem de ser incombustível

A tela dos balões é também objecto duma observação constante e rigorosa. Antes de cada viagem o tecido é examinado centímetro por centímetro e reforçado onde quere que a sua solidez pareça estar deminuída

Tendo em conta a fragilidade de todos os factores que compõem um dirigível em relação à violência dos elementos que é forçado a defrontar, os resultados obtidos pelo «Graf Zeppelin» e a regularidade perfeita dos seus vôos tem qualquer cousa de prodigioso Mas seria injustiça atribuir a uma excepcional benevolência da sorte o que é essencialmente produto duma técnica levada ao mais alto grau de perfeição.

O «Graf Zeppelin» e agora o «Hindenburgo» rehabilitam, portanto, o dirigível rígido, condenado na opinião mundial por uma série de trágicos incidentes. Deve-se essa rehabilitação ao sábio dr. Eckener

Em caso de guerra, o dirigível rígido pode ainda ser uma arma apreciável. A sua velocidade limitada e o seu grande volume tornam-no presa fácil para os aviões de caça e canhões anti-aéreos. Mas apesar disso, a coberto das nuvens e protegidos por esquadrilhas de aeroplanos, pode levar a efeito hombardeamentos aéreos em grande escala

Digamos para terminar que após a conclusão do «Hindenburgo» entrou logo em estudo o «L. Z. 130», em que se reunirão tôdas as lições que a experiência for proporcionando até ao momento da sua construção. E é muito provável que desta vez o «Reichsführer» consiga vencer a resistência do dr. Eckener e faça dar a êsse novo transatlântico dos ares o nome de «Adolf Hitler».

ASPIRAÇÃO HÁ MUITO

A Tôrre de Belém e o Gasómetro

Descobre-se finalmente o símbolo dos Descobrimentos

DESTA vez, a Tôrre de Belém vai ficar livre do Gasómetro que há tempo a sufocava, apesar dos veementes protestos dos mais altos espíritos da nossa terra. Êste monumento, sendo o símbolo da gloriosa Lisboa dos Descobrimentos, encontrou finalmente quem o fôsse descobrir atrás dêsse monstro antipático, incómodo e fumegante.

Há oito meses — vai fazê-los no dia 28 do corrente — foi assinado o contrato pelo qual o Estado, a Câmara Municipal de Lisboa e as Companhias Reunidas do Gás e Electricidade se obrigam, mutuamente, nos termos e condições oficialmente estabelecidas, a realizar as obras necessárias à remoção do negregado Gasómetro e seus anexos para as bandas do Poço do Bispo.

Finalmente!

Quando, há cêrca de 40 anos, Tomaz Ribeiro publicou o panfleto "Senhor, não!» verberando a ideia da construção do Aquário "como padrão a atestar o achado dos novos argonautas», Delfim Guimarães avolumou o protesto com o seu "Não! Mil vezes não!» contra o levantamento do Gasómetro junto da Torre de Belem.

Dizia êle

Gasómetro gentil edificando
Pêso-papeis modêlo descobrindo,
À marinha mercante escangalhando,
E à marinha de guerra reduzindo,
As nossas forças fômos empregando
Em labor incessante, nunca findo,
A engrandecer o nome lusitano
Intercalando um S a Lucia-no!

E rematava

Venho de presenciar obra funéria
Levantada em Belem, à sombra amiga
Da linda torre que, apesar de antiga,
Deslumbra faiscante o nosso olhar!
Ao vêr o feio vulto do Gasómetro
Lembrou-me o Aquário projectado,
E construí no cérebro, inspirado,
O arrojado projecto de os casar!

Quási quarenta anos são passados sem que o monstro de goela hiante arredasse pé, como um dragão de conto de fadas que se mantivesse de guarda à formosa princesa prisioneira.

Que diria D. João II se voltasse a êste mundo de enganos e perversões? Foi êste soberano quem idealizou a construção da Torre de Belem para defesa da cidade, não só dos piratas, mas de quaisquer outros inimigos.

Surpreendido pela morte em Alvor não conseguiu vêr realizado o seu plano que considerava urgente e inadiavel. Coube a D. Manuel pô-lo em prática, o que fez, logo que subiu ao trôno ainda húmido do sangue de seu irmão. Chamou Garcia de Rezende, seu môço de câmara, e encarregou-o de desenhar a planta da obra a realizar.

Eis como há cem anos o semanário pintoresco "Archivo Popular» historiava o glorioso monumento

"Quási no centro de uma extensa planicie, que desde o rio e vale de Alcantara se estende pela margem direita do Tejo para a parte da barra, estava antigamente um lugar a que se chamava o Surgidouro do Restrelo, onde o Infante D. Henrique, filho de D. João I, fundou uma ermida dedicada a Nossa Senhora com o mesmo título do Restrelo, que depois mudou para o de Belem; e esta ermida e casas que junto a ela mandou construír, deu o Infante aos freires da Ordem de Cristo, de que era grão-mestre, para que estabelecessem um hospital em que cur[...] e administrassem os sacramentos aos ma[...] enfermos das embarcações, que dali manda[...] tir, antes de se ir estabelecer na vila de Sag[...] Algarve, para os primeiros descobrimentos d[...] de Africa.

"Foi nêste mesmo sítio do Restrelo [...] donde as naus partiam para as descobertas [...] dia, e onde vinham aportar depois de suas [...] e gloriosas viagens, e no lugar daquela [...] ermida de Nossa Senhora de Belem, pela devoção que lhe tinha, que el-rei D. Manuel resolveu fundar o magnífico mosteiro, que hoje ali admiramos, como voto de sua gratidão pelo descobrimento da India. Não falaremos hoje dêste sumptuoso edifício, porque reservamos a sua descripção para outro artigo mas sòmente da torre que defronte dêle mandou levantar o mesmo rei, e à qual deu o nome de S. Vicente de Belem, que ainda hoje conserva.

"Foi esta torre, ao princípio, construída dentro das águas; e ainda não há muitos anos que, nas marés [...] as águas a fechavam de todo; hoje está [...]mente em sêco do lado da terra. Era destinada para guarda do porto de Lisboa, e ainda que [...] seja grande a sua fábrica, é, contudo, notável a [...]ção, por ser um magnífico modêlo da ar[...]tura militar mourisca.

[...]avia ali continua vela de dia e noite, de modo [...] embarcação alguma poderia entrar sem ser [...] e obedecer ás salvas que com a artelheria [...] torre lhe faziam; e de el-rei D. Sebastião se [...] querendo saber se esta vela se fazia com a exactidão devida, se metêra num a catraia, em uma noite muito escura e tempestuosa e tentara ali passar sem ser presentido; mas não aconteceu assim, porque das bataria da torre lhe fizeram tantos tiros que puzeram em muito risco a segurança da sua pessôa.

"Hoje tem a nova arquitectura militar tornado menos consideravel a importancia desta torre; mas, ainda assim, a sua posição na extremidade da garganta que ali fórma o Tejo e a correspondência dos fogos da torre de S. Sebastião de Caparica, vulgarmente chamada a Torre Velha, fazem aquêle sitio do Tejo de não fácil passagem, e se em nossos dias vimos algumas embarcações de guerra romperem como inimigas pela embocadura do Tejo, e virem fundear a bem pouco custo em frente de Lisboa, é ao desleixo em que se achavam as fortificações, e à falta de defesa que nelas houve, e não à sua insuficiência, que tal acontecimento se deve atribuir.

"Têm esta torre, desde o tempo dos Felipes, servido de prisão de Estado para as pessôas de grande qualidade. O seu govêrno era sempre dado aos mais distintos generais do reino, por muito rendoso em conseqüencia dos emolumentos que pelo seu *passe* lhe pagavam todos os navios que entravam no Tejo ou dêle saiam. Hoje estão extintos êstes emolumentos.

"Junto à Torre de Belem, para o poente, está o forte chamado da Areia, por ser construído no areal que termina a pequena enseada de Pedroiços. Daí se estendem muitos outros fortes e batarias até à foz do Tejo, os quais se acham presentemente em grande abandono, mas que, sendo bem guarnecidos e artilhados, tornariam mui perigosa a entrada a qualquer armada inimiga que ousasse acometê-la».

Escrevia-se isto em Janeiro de 1839.

Um dia, sendo necessário construir um gasómetro para abastecimento da cidade, não encontraram sitio mais próprio do que a visinhança da Torre de Belem.

E' certo que poderiam tê-lo instalado nos claustros do mosteiro dos Jerónimos visto haver ali espaço com abundancia... Do mal, o menos... Cometido o crime, ergueram-se protestos, súplicas e imprecações na intenção de fazer compreender a quem de direito, a única missão a cumprir. Fôram decorrendo os anos e nada se adiantou. Se a Torre de Belem evocava a época dos descobrimentos, o Gasómetro, talhado em linhas mais modernas e vigorosas, simbolisava a época modernissima dos gases mais ou menos asfixiantes.

Finalmente, vamos ficar livres do monstro.

Há tempos, alguem alvitrou que, em vez do farol exíguo que pouco ou nada adianta à navegação, fôsse a Torre de Belem iluminada por um fóco poderoso, que melhor orientaria aquêles que se encontrassem sôbre as águas do mar.

E então, concluida a Avenida da India, surgiria ante a nossa vista mais surpreendente do que nunca, o formoso monumento que têm estado até agora sepultado pelo abantesma dos gases.

Podemos afirmar que, até agora, a maior parte da população lisboeta conhece a Torre de Belem apenas através dos bonecos que sempre aparecem a simbolizar Lisboa nas revistas de Turismo. Estava encoberta. Vamos assistir, portanto, à descoberta da Torre dos Descobrimentos.

Cumprida esta missão que dêsde há muito se impunha, não só pelo seu significado patriótico, como pela sua acção estética, que mais será necessário fazer?

Iriamos apresentar vários alvitres, mas, por enquanto, não. Deixemos concluir êste que constitua uma espécie de fantasma a perseguir-nos. E depois, a falar francamente, se um dia nos encontramos livres do negregado gasómetro, até julgamos que é mentira...

UMA FRANCESA EM HOLLYWOOD

A vontade persistente de Claudette Colbert

é o segrêdo da rápida e feliz carreira da bela actriz, no teatro e no cinema

VIDA ELEGANTE

Festas de Caridade

No Salão de Chá Tivoli

Organisado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Beatriz Benjamin Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Claudia Ramada Curto, Condessa de Castro Marim, condessa da Fóz, Condessa da Ponte, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Helena Pacheco de Miranda, D. Izabel Teles da Gama Almada, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Maria Ana Meireles Pimentel Pinto, D. Maria Antónia Ramada Curto, D. Maria Cancela Emídio da Silva, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria Izabel de Souza Rego de Campos Henriques, D. Maria Luna Borges de Souza, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Luiza de Mendonça, D. Maria Meira, Marqueza de Pombal, D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, D. Palma Petrus Neves, D. Stéla Belmarço da Costa Santos, Viscondessa de Coruche (D. Maria), e Viscondessa da Merceana, realizou-se na tarde de segunda feira de Páscoa, no Salão de Chá Tivoli, um «chá» de caridade, cujo produto se destinava a favor da Obra de Auxílio dos Pobres Doentes, durante o qual fôram passados varios modêlos de vestidos de senhora da presente estação.

O aspecto do lindo Salão de Chá Tivoli, nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunidas as principais famílias da nossa sociedade elegante.

Casamentos

Com muita intimidade realizou-se o casamento da sr.ª D. Austrália Domingues Ferreira, com o sr. Adolfo Augusto Rodrigues, funcionário público em Cabinda, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Ilda Macias Nunes e o sr. Nunes e por parte do noivo seus pais.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Amélia da Conceição Pereira Fialho, gentil filha da sr.ª D. Juliana Dolores Perez y Perez Fialho e do meritíssimo juiz sr. dr. Jacinto Fialho, com o distinto clínico sr. dr. Eduardo Augusto Costa filho da sr.ª D. Amélia Candida de Souza Costa, já falecida e do sr. José Joaquim da Costa, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª Dr.ª D. Regina Quintanilha e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Vicente de Vasconcelos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

Presidido pelo rev. Joaquim Pedro Goulão, realizou-se na igreja matriz de Idanha-a Nova que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria do Carmo Sanches de Melo Trigueiros, gentil filha da sr.ª D. Maria Carolina Sanches de Melo e do sr. João de Melo Teles Trigueiros, com o sr. Domingos Augusto Lobato Carriço Goulão, filho da sr.ª D. Izabel Lobato Carriço Goulão e do sr. Manoel Nicolau Goulão, tendo servindo de madrinhas as sr.as D. Branca Tavares Carriço e D. Luiza Domingues de Melo Trigueiros e de padrinhos os srs. dr. António Lobato Carriço e Joaquim de Melo Trigueiros. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Ondina de Araujo, interessante filha da sr.ª D. Stela de Araujo e do sr. Waldemar de Araujo, com o distincto engenheiro sr. Leopoldo da Silva, filho da sr.ª D. Maria da Silva e do sr. Jorge da Silva, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Francisco da Silva.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem fôram oferecidas grande número de artísticas prendas para o Mont'Estoril, onde fôram passar a lua de mel.

— Presidido por Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja, D. José Patrocínio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realisou-se na capela do Palacio dos srs. Condes das Alcaçovas, á rua Eugénio dos Santos, o casamento de sua gentil filha D. Maria Tereza, com o sr. George de Sousa e Castro Black, filho da sr.ª D. Francisca de Sousa e Castro Black, já falecida e do sr. Carlos Macdonald Black, servindo de madrinha as sr.as Condessa das Alcaçovas (D. Catarina) e D. Maria Henriques de Lencastre de Almeida Garrett, respectivamente cunhada e irmã da noiva e de padrinhos os srs. Conde de Vale de Reis e Luis Guedes de Vilhena Freire de Andrade cunhado do noivo.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de meza e nos jardins do palacio, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência que se encontrava espalhada pelos aristocráticos salões do Palácio e jardins, recorda-nos ter visto além de Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo de Beja D. José Patrocínio, as seguintes pessôas:

Marquesa de Lavradio e filhos, Marqueza de Ficalho e filhos Marquesa de Rio Maior, condessa de Cuba, conde, condessa de Mendia e filha, conde e condessa de Monte Real, conde, condessa de Campo Belo (D. Henrique e D. Filipa) e filha, conde e condessa das Alcaçovas (D. Luiz e D. Catharina), conde e condessa de Vale de Reis, conde e condessa de Rio Maior, conde de Nova Goa, conde da Azinhaga, Viscondessa de Almeida Garrett (D. Tereza), visconde do Torrão, visconde de Messagil, visconde e viscondessa de Almeida Garrett, visconde, viscondessa de Taveiro e filha, dr. António de Lancastre e D. Beatriz de Lancastre, Carlos Macdonald Black, Luiz Guedes de Vilhena Freire de Andrade, D. Izabela de Sousa Castro Freire de Andrade e filhos, D. Joaquim Henrique de Lencastre (Alcaçovas), D. Eugénia de Mendia de Lencastre e filhos, D. Maria de Lencastre Van-Zeller Alexandre de Melo Black e D. Luiza de Melo Black, D. Joaquina Maria Salema, dr. D. Fernando de Lancastre, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre e filha, D. Alda Guedes Pinto Machado e filha, D. António Vasco José de Melo (Santar) e D. Maria Gulteria Gil de Melo, D. António de Sousa Coutinho (Linhares), D. Justina Fialho de Sousa Coutinho e filhas, D. Diogo Maldonado Pessanha, D. Matilde Guedes de Vilhena Maldonado Pessanha e filhos, Mr. e Mrs. Pratt Smith, Dr. Alexandre de Almeida Garrett e D. Maria de Lancastre de Almeida Garrett, D. Luiz e D. Izabel de Lancastre e filho, D. José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. José Luiz da Camara de Saldanha e D. Maria Tereza de Gouveia da Camara de Saldanha, George Croft de Moura e D. Dulce de Melo Black Croft de Moura, George de Melo Black e D. Maria Tereza Borges de Castro de Melo Black, dr. Eduardo de Magalhães, D. Maria Joaquina Folque de Magalhães e filha José Gomes Palma e D. Eugenia de Vilhena Palma, dr. Vasco da Costa Mira e D. Mariana de Vilhena Freire de Andrade da Costa Mira, Joaquim de Vilhena Freire de Andrade e D. Adelaide Guedes Freire de Andrade, dr. Manuel Bento de Sousa e D. Maria Amélia de Saldanha da Gama de Sousa, D. Pedro de Lancastre e D. Maria Tereza de Saldanha da Gama de Lancastre, Luiz Ricardo Hintze Ribeiro Jardim (Valenças) e D. Fernanda Ivens Ferraz Jardim, Eduardo Ramos de Magalhães e D. Tereza Pinheiro de Melo de Magalhães, dr. José Baptista Alves Lírio, Cónego José Delgado Pires, dr. Artur Penedo, D. Adelaide Penedo e filhas, Mr. e Mrs. Du Boulay, Mario de Castro e Sousa Penedo e D. Regina de Resende Barbosa Bentes Penedo, Tomás de Atouguia Pinto Basto e D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, António Ramada Curto e D. Maria de Lourdes Martins Ramada Curto, dr. João Xavier de Resende Barbosa Bentes e D. Irene de Resende Barbosa Bentes, José Joaquim Fernandes e D. Carolina Almodovar Fernandes, Artur Penedo e D. Maria Antónia de Castro e Brito Penedo, D. Julia Pinto de Lancastre, dr. José Pulido, D. Rodrigo de Castro (Nova Goa), D. Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior), D. Maria Luiza de Melo e Costa, D. José Gil de Meneses, D. José de Lancastre Ferrão (Arrochela), Luiz Pessanha, Mariano de Sousa Feio, Bernardo Mendes de Almeida, António Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), José de Paiva Raposo, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Os ilustres titulares, seus filhos e genros, foram duma inexcedivel amabilidade para com os seus convidados, pondo mais uma vez em evidência as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Na paroquial de S. José, realizou se o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Veléz Mota, gentil filha da sr.ª D. Júlia Veléz Mota e do sr. Francisco Mota Junior, com o sr. Filipe de Carvalho Caióla, filho da sr.ª D. Maria de Carvalho Caióla, e do coronel sr. dr. Filipe Caióla, servindo de madrinhas a sr.ª D. Eliza Tavares Mota e a mãe da noiva e de padrinhos o sr. Joaquim José Ferreira Junior e pai do noivo.

Presidiu ao acto o rev. prior da freguezia dr. Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Casamento da sr.ª D. Maria Izabel Bezerra com o sr. Carlos Quintanilha Mantos. Os noivos e convidados á saída da paroquial de Santa Izabel.

Nascimentos

— A sr.ª D. Júlia Viana da Costa e Silva Falcão Trigoso esposa do sr. João Corte Real Falcão Trigoso, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

«A Rússia Bolchevique»

Mais um livro de Paulo Freire, cuja obra é sobejamente conhecida e apreciada no nosso meio literário. Desta vez, é «A Russia Bolchevique», livro de vasta informação em que o leitor toma conhecimento com a Russia dos Romanoff e do mais que se lhe seguiu até hoje.

Paulo Freire foca maravilhosamente a Russia em todos os seus aspectos — geográfico, político, histórico, revolucionário e religioso. Neste livro o leitor ficará conhecendo com inteira verdade as coisas que se passam nesse país dos eternos frios e que os últimos acontecimentos vieram tornar notado perante o mundo inteiro. Ler a nova obra de Paulo Freire é ficar ao facto, par e passo, do que se está passando nessa Russia distante e misteriosa.

Obra de Assistência

A secção auxiliar feminina de Lisboa da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, promoveu no dia 5 do corrente uma distribuição de roupas e merendas a 170 crianças pobres. A festa foi presidida pela esposa do Chefe do Estado. A fotografia representa a comissão organizadora com algumas das crianças contempladas.

«Política»

O dr. Ribeiro Lopes no seu último livro a que deu o título de «Política» ocupa-se de certo numero de casos, na dependência daquela rubrica, a uma altura e com amplitude que não se está habituado a encontrar em língua portuguesa.

O vocábulo escolhido para englobar os temas tratados acha-se por tal forma pervertido pela bôca ociosa ou vagabunda, dada a mesquinhos dizeres, imagem de mesquinhos pensamentos, que ao deparar com êle aplicado no sentido digno, elevado e universal que lhe é próprio, se tem uma surpresa. A palavra «política» empregada para significar estudos de timbre filosófico, conceitos sôbre o destino ilimitado dos povos, dentro da evolução humana constitue facto por assim dizer desconhecido entre nós. Os nossos velhos usos, ou vícios, reservaram-na para referir acontecimentos, actos e pessoas que raro solicitavam o interesse da inteligência daqueles que a possuíam. Eis, portanto, um livro oportuno, que bem poucos poderiam ou saberiam escrever.

Récita de estudantes

Os quintanistas de Farmácia realizaram no dia 3, no Teatro do Ginnásio a sua récita de despedida, com a representação da revista «As pilulas do senhor doutor». O espectáculo decorreu com a maior animação, tendo a assistência premiado com muitos aplausos o trabalho dos improvisados actores. A fotografia acima representa os alunos que tomaram parte na representação. Seguirão agora, pela vida fora a representar a sério o que, pelo título da peça, tanto fez rir os numerosos espectadores, seus clientes de amanhã, e sem poderem desejar-lhes saúde, por mais gratos que desejem ser.

Turistas alemãis

Vindos de Hamburgo passaram no dia 7 em Lisboa 3.000 alemãis fazendo parte duma excursão organizada pela «Kraft durch Freude». No dia 11 chegaram mais 1.000. O itinerário destas excursões é, como as anteriores, Lisboa e Funchal. Os excursionistas espalharam-se pela cidade, imprimindo-lhe durante algum tempo uma especial animação. Em cima um grupo de turistas, numa das ruas da Baixa.

Homenagem ao Professorado Primário

O Rotary Club de Lisboa prestou no dia 8 dêste mês uma homenagem ao professorado primário. Tomaram parte no almôço dez professores e dez professoras e também o director-geral do Ensino Primário, dr. Braga Paixão e o inspector orientador sr. Cunha Leão. Trocaram-se notáveis discursos, tendo falado em nome da classe do professorado o sr. dr. Braga Paixão.

Banquete de confraternisação

Por iniciativa do Grémio Tecnico Português realizou-se no dia 6 um banquete de confraternização entre os diplomados com os cursos dos Institutos Industriais, anteriores à reforma de 1931: engenheiros auxiliares e agentes técnicos de engenharia. A festa decorreu num ambiente de franca camaradagem, tendo ao champanhe usado da palavra diversos oradores.

A QUINZENA DESPORTIVA

DAREMOS a primazia nestas considerações quinzenais à terceira prova da "Pequena Marathona», organizada num percurso de 35 quilómetros pelo activo bi-semanário desportivo "Os Sports».

O êxito alcançado pelas duas saídas precedentes, e a que a devido tempo aludimos, foi largamente excedido na competição final, cujos resultados foram além de tôda a espectativa.

A primeira conclusão que nos é possível tirar da marcha dos acontecimen mentos assume nesta época uma importancia capital. Os escassos mezes dos Jogos Olímpicos de Berlim, onde devemos considerar indispensavel a presença de representantes do atletismo português, a constatação do valor dos nossos corredores de grande fundo é de molde a orientar a acção selectiva dos dirigentes responsaveis, em sentido diverso do tradicional.

As nossas pretensões nesse magno torneio mundial não podem passar de modestíssimas; mas de entre o mau que possuimos, escolhamos aquilo que apresente melhores condições de figuração.

Os corredores de velocidade que nos jogos precedentes mereceram a honra da escolha, trouxeram-nos sempre desilusões; nunca esperámos que alcançassem classificação, mas contávamos mais do que uma eliminação formal à primeira eliminatória, batidos de longe por quem fez 11 segundos aos cem metros.

A dura lição das experiencias antecedentes faz avaliar, pelo seu justo preço, os 10 s. 4/5 e os 10 3/5, em que são pródigos os cronómetros nacionais.

Acresce, ainda, que não possuimos na actualidade homens do valor de Gentil dos Santos, Prata de Lima ou Sarsfield Rodrigues; o melhor do momento, Mário Pôrto, é um veterano das lides atléticas, em cujos progressos não acreditamos.

Por tôdas estas circunstâncias, agrada-nos a hipótese, que sabemos merecer a espectativa benévola do Comité Olímpico Português, duma mudança radical de critério; por fracos que sejam os corredores de fundo nacionais não podem classificar-se pior do que o último lugar numa eliminatória que não chega a durar um quarto de minuto.

Vejamos o que nos dizem os números.

Jaime Mendes, o brilhante vencedor da prova, gastou a percorrer os 35 quilómetros do percurso nada fácil de Castanheiro do Ribatejo ao Campo Grande, 2 horas 18 minutos e 2 segundos, precedendo António Fonseca, outro especialista de comprovada classe de 3 minutos e 3 segundos. Ambos terminaram a corrida num estado notavel de disposição, apresentando reservas de energia para mais longos feitos.

Êstes tempos correspondem, para os 42,km195 da Marathona, aproximadamente a 2 h. 50 m. e 2 h. 55 m., devendo levar-se em conta no confronto a estabelecer, o acidentado constante do percurso, que valorisa os resultados em relação às marcas obtidas nos trajectos olímpicos, que sempre são escolhidos em estradas de planície.

A passagem dos mouchões da Póvoa e a subida de Sacavem ao Pote de Água, representam três a quatro minutos na marcha de Jaime Mendes e Fonseca. Na Maratona dos jogos de 1932, em Los Angeles, o argentino Zabala, vencedor, gastou 2 horas, 44 minutos, 3 segundos; o 16.º classificado, o francês Bégeot, 2 h., 53 m., 34 s., e o 19.º, o brasileiro Silva, 3 h., 2 m., 6 s.

Tomando como certos estes elementos, chegar-se-ia à conclusão agradável de que os nossos homens poderiam chegar entre os vinte primeiros da Maratona de Berlim, o que, para a classe do atletismo nacional, seria bastante honroso.

Oxalá o trabalho realizado seja completado pela organização duma quarta prova, no percurso exacto de 42,km195, para se averiguar concretamente qual a classe de campeões da especialidade; se tivessemos voto na matéria considerariamos aptos para a selecção os homens que percorressem a distancia em menos de três horas, e temos a certeza que haverá quem o faça.

■

As corridas organizadas por *Os Sports* provaram a subida de novos valores e o declínio dos azes tradicionais.

Adelino Tavares, o favorito dos vaticinadores, falhou em absoluto e não soube ou não poude marcar a posição de realce.

Depois duma prova meritória nos 25 quilómetros, foi no último dia batido por um quarto de hora, queixando-se de contraturas musculares que o obrigaram a parar no meio do percurso para ser massajado.

Manuel Dias, o ídolo popular, venceu a segunda jornada e preparou-se cuidadosamente para a terceira, porque, brioso como é, era seu maior desejo completar o rol das suas vitórias com o triunfo na organização mais importante dos últimos tempos.

Apesar de tantos cuidados, apesar do precioso serviço de apoio organizado pelo seu clube, cujos ciclistas avisavam Manuel Dias, quilómetro a quilómetro, da distância que o separava dos primeiros, apesar da sua formidável energia, os recursos atraiçoaram-no e não logrou melhor recursos do que o terceiro lugar, entrando na méta absolutamente exausto.

Dos restantes competidores merecem referência Armindo Farinha e António Figueiredo, que se ultrapassaram conquistando o 4.º e o 5.º postos, o segundo citado teve um final de prova extraordinário, recuperando bastante terreno e brindou a assistência com uma embalagem na méta que mereceu com propriedade a designação de "sprint».

■

Dois motociclistas hungaros acabam de completar, numa máquina com "sidecar», uma autêntica volta ao mundo, na qual gastaram mais de sete anos.

Durante êste longo praso, os aventureiros desportistas atravessaram o território de sessenta países, percorrendo a bagatela de 160 000 quilómetros, para o que consumiram mais de dez mil litros de gazolina.

Por tôda a parte onde passaram, fizeram larga colheita de emblemas dos clubes e agrupamentos motorisados, com os quais forraram literalmente a sua máquina, que apresenta assim um aspecto bastante pitoresco.

■

A nova direcção da União Velocipédica acaba de tornar público o calendário oficial da época ciclista, cuja abertura terá lugar no domingo próximo com a corrida dos 50 quilómetros clássicos.

Da lista apresentada, que não é muito abundante, salientaremos as provas contra relógio, designadas de apuramento olímpico.

Como parece posta de parte a hipótese da inscrição duma equipa portuguesa na Volta a França, para a qual foramos convidados, retoma visos de possibilidade a escolha de ciclistas para encorporar na delegação a Berlim. Se as exigências severas do juramento olímpico forem compatíveis com o grau real de "amadorismo» dos azes nacionais, a selecção não será disparatada.

Falta saber o que pensam do nosso actual regime de classificação os altos poderes internacionais.

Pelo critério do regulamento velocipédico recentemente posto em vigor, os ciclistas nem são amadores, nem profissionais, mas apenas "corredores». A finalidade é inteligente e prática: um homem quer ir além fronteiras disputar uma prova, requesita uma licença da categoria dos adversários contra quem vai alinhar e, de regresso ao país reingressa na classe de "corredor», que tem porta para tôdas as frentes. A elasticidade do raciocínio não pode ser mais ampla.

Duvidamos, porém, que a União Internacional aprove o novíssimo regulamento português, em flagrante conflito com as suas definições e praxes de amadorismo. A subtileza dos dirigentes clubistas, procurando disfarce para uma situação de facto cujas responsabilidades não possuem coragem para assumir abertamente, não pode dar o resultado que supõem e trar-lhe-à, talvez, complicações desagradáveis.

■

Na grande família que uma nacionalidade, o povo é sempre o executor dos grandes planos idealizados pelos chefes políticos ou posto em equação pelo escol intelectual: tôdas as manifestações de actividade dependem em última análise, da capacidade realizadora da grande massa popular.

O cérebro pensa, os nervos comandam, mas os músculos executam. O povo é a musculatura duma nação.

Dentro dêste princípio, nenhuma obra de renovamento social poderá resultar profícua, se os homens que a empreendem não cuidarem simultâneamente da valorização do capital humano, sôbre quem recaem tôdas as responsabilidades de realização efectiva.

Essa valorização consegue-se aperfeiçoando, educando e instruindo, física, moral e intelectualmente. E como devemos nortear sempre a nossa acção com vista no futuro, é sôbre as novas gerações que faremos incidir todos os cuidados. Preparar a infância e a mocidade para as pesadas responsabilidades vindouras, desenvolvendo nos seus elementos, vigor físico, vontade moral, fôrças intelectuais, é a forma mais eficaz de garantir ao País um remoçamento viril.

Estas considerações, que definem as normas fundamentais do complicado problema da educação física, integrando-o no problema ainda mais complicado de tôda a educação nacional, espera há tantos anos a solução indispensavel por parte do Estado, que o desânimo se aproxima do espírito dos que têm trabalhado pela sua reforma.

Apesar das campanhas movidas pela imprensa e pelos técnicos, apesar das afirmativas categóricas de individualidades de alta posição social, apesar dos resultados catastroficamente concludentes duma experiência cuja duração excedeu os limites necessários, as condições do problema mantem-se inalteráveis, defendidas com desespêro pelas criaturas que sentem demonstrada a sua nulidade no dia em que os métodos mudarem.

Salazar Carreira.

LOUCURA E BOM SENSO

A CIÊNCIA DA VIDA

Miguel Unamuno, o grande escritor espanhol, disse numa das suas crónicas que não havia maior louco do que aquele que nunca fez uma loucura.

Apetece-me tomar esta opinião como tema e desenvolvê-la a meu modo.

Acho que o articulista, mestre dos mestres, tem razão, porque fazer loucuras é uma forma inteligente de gozar a vida, saboreando-a em tôdas as suas facetas, boas e más.

Isto de passar sempre os dias numa ordem metódica sem quebra de direcção e sem nos enganarmos nas horas, vivendo continuamente num andamento "moderato", sem um "crescendo" nem sequer uma "fuga" de poucos instantes, é aborrecido, cansa e adormece como um cantochão.

■

O juizo é preciso, muito preciso, principalmente para sabermos escolher a nossa loucura e sabermos parar a tempo, quando ela ameaça levar-nos até paragens indesejáveis, onde a desgraça está à espreita duma nova presa, que não largará tão cedo.

"Tem p'ra dizer", como se expressava uma velhota que eu conheci em vez de "é caso para dizer", que deve haver uma medida para a loucura, mas que o juizo também precisa medir-se, com preceito. Enchem-se as medidas de uma coisa e outra, e passa-se a razoira, como nos celeiros se faz aos cereais.

Tudo que é demais, prejudica.

Ser sensato a ponto de pensar que as pequeninas bagatelas que a vida tem de bom não se podem fruir, sem desmanchar a linha de boa conduta, é uma grande tolice, e leva-nos dêste mundo com uma conta aberta no capítulo "Saber sentir a vida".

■

Há neste planeta que habitamos umas certas criaturas, sempre de lança em riste, quero dizer de língua afiada, de ânimo azedo, almas endurecidas, onde nunca brotou um carinho, lábios secos, onde nunca floriu a doçura dum beijo, prontas sempre a criticar aqueles que querem gosar conscientemente um momento de felicidade — momento raro de uma loucura consciente, sem mancha.

E, francamente, por medo dessas apreciações injustas de qualquer velhice rabugenta ou mocidade precocemente envelhecida, que nunca teve coragem de encarar a vida de frente e que sempre a olhou de soslaio, desconfiada de si própria, — por êsse medo, não vale a pena sacrificar uma loucura que nos possa compensar dos maus bocados já passados —

D. Quixote e Sancho Pança simbolos da loucura e do bom senso

Desenho de Alexandre Sirio e [illegible] La Nacion

ou que nos esperam ainda, porque como diz Ludovina Frias de Matos, essa mulher a quem a Dor sagrou poetisa:

Tristes dos que sem custo realizaram
o seu formoso sonho côr de rosa!
Dos que encontram a estrada luminosa
e em ásperos caminhos não passaram.

Inditosos os que antes não pagaram
a divida sagrada e amargosa...
Porque a conta será mais rigorosa
e caro ficará o que alcançaram!

Ai dos felizes dos que em horas belas,
a vida esquecem de olhos nas estrêlas
e ouvindo gorgear os rouxinois!...

Tôda a ventura tem um preço certo,
o ajuste é inevitável, longe ou perto...
Quem antes não pagou, paga depois!..

Vejam-se bem nestas palavras que são máximas. Antes ou depois paga-se o tributo à desventura.

Que se façam loucuras que arruïnem uma reputação ou que tragam a desgraça de alguém, em ricochete, não está certo, nem é de aconselhar nem de encarecer.

Mas há umas doidices que enfeitam a vida, que a tornam mais agradável e que todos nós podemos fazer, sem nos diminuirmos no conceito das gentes, nem melindrar a nossa consciência.

Ora para saber limitar essa loucura que deleita e não prejudica, essa loucura que deve ser como o veneno em doses mínimas, que em vez de matar até cura de muitos males, assim como o arsénico que tanto assustou o João da Esquina das *Pupilas* e que hoje é quási uma panaceia universal, para essa restrição e essa dose de desvario é que se precisa do tal golpe de razoira.

■

Para que tudo fique em bem sem exageros, é preciso que a loucura e o juizo se fiscalizem mutuamente, como dois bons amigos que se querem bem e repartem a vida, entre si, com tôda a lealdade, sem pretensões à vitória, preferindo empatar a ofuscar-se.

E assim bate certo e o feliz mortal que conseguir ser um doido com juizo é que "a leva direita", como diz o povo de alguém que é mestre na ciência da vida.

Eu bem sei que há criaturas, sempre agarradas aos preconceitos, escravas da opinião pública que usa vidros de aumento para ver o argueiro nos olhos do visinho e nem sente a tranca nos seus.

E fazem mal. Não se lembram da história de "O velho, o rapaz e o burro"?

Se iam a pé os dois, faziam troça, que eram palermas, porque se cansavam e o animalejo ia todo regalado.

Se o rapaz montava o burro, eram censuras ásperas: que não tinha vergonha deixar o pai a pé já velho e alquebrado, e êle descansadinho sem remorsos.

Se o pai ia de burro e o filho a pé, os dichotes de insultos continuavam: — "A criança a estafar-se e o grandalhão todo repimpado!"

Já vêem... Nada de exageros no temor das gentes, é conta, pêso e medida, nas brincadeiras.

Mercedes Blasco.

O CÃO—AMIGO FIEL

É proverbial e antiquíssima a dedicação do cão aos seus donos. Não há animal, que mais fervorosamente se dedique aos que o tratam com carinho, e que mais afeição mostre aos que lhe fazem bem.

São inúmeros e frizantes os exemplos que temos dessa ternura, dessa adoração, que torna o homem quási um deus aos olhos dêsse animal que vive da sua vida e que tantas vezes morre da sua morte, como sucedeu agora á dedicada cadela de Jorge V, que morreu de saudade e de dor quando perdeu o seu dono.

Mas o cão como tudo, tem modas e estas estão sempre a variar e nem sempre é um cão bonito, aquele que tem o sufrágio da moda. Em geral mesmo são os cães feios aqueles que têm um aspecto quási cómico, mas que têm um «pedigree» perfeito e se sabe serem de raça pura.

Eu confesso que não entendo nada de raças de cães e faço mesmo a triste confidência, que as minhas simpatias vão em geral para o cão da rua, o rafeiro esperto e ladino, que tem uma alegria especial e êsse ar de saber governar a vida, que tem também o garoto da rua, o Gavroche das cidades.

E' também para o garoto que vai a minha simpatia, moderado e atrevido talvez, mas desembaraçado e governando a vida, na idade em que as crianças mimosas da existência, andam muitas vezes ainda, com criada atrás numa atitude de quási demência e inutilidade.

O cão de luxo e de raça tem muitas vezes afinidades com essas crianças mimadas e perde as qualidades da sua raça. Mimoso e acarinhado rosna por tudo, rabugento de excesso de comodidades, quantas vezes invejará o cão da rua enlameado e porco, que roeu um ôsso, mas corre pela rua alegremente, ladrando e brincando, sem coleira, sem laçarotes e sem mimos, que o tolham na sua liberdade de animal livre e independente.

O cão que só come quando lhe dão na boca, superalimentado, muitas vezes desfigurado pelos seus donos, que tanto lhe querem causa-me sempre a maior pena.

Um cão feliz é o cão inglês, porque os ingleses com a sua maneira prática de encarar a vida, por muito que estimem os cães, tratam-nos sempre como animais, e, não fazem dêles, meninos mimados, de saúde arruinada.

O cão inglês tem a vida que precisa, a alimentação que deve ter, o exercício necessário à sua vida, e, tem o melhor dono que um cão póde ter, aquele que êle precisa, que lhe dará todo o bem estar mas não lhe limitará as suas liberdades e gostos de cão.

O cão francês é em geral um desgraçado, ou mal tratado, ou feito menino dum casal sem filhos cheio de mimo e horrivelmente mal tratado como gente, com carinho excessivo e pieguices, que às vezes as crianças não têm num paiz em que há um ideal único para a criança: que ela esteja tranquila, que é tudo o que há de mais contrário ao seu feitio natural.

Mas no cão há tantas variedades, que a seu respeito há sempre que dizer. O cão polícia, que auxilia com um faro especial á captura dos bandidos, é um cão a quem a sociedade muito deve, que eu não sei se já repararam que os cães têm em geral antipatia pelas pessôas, que não são boas, e se há um maroto, que tem um cão, que lhe é dedicado, creiam que no fundo da sua alma há sentimentos de bondade, que nós não atingimos talvez, mas que o instinto do cão lhe faz presentir, como que adivinhar.

E há tanto cão util! Os cães de S. Bernardo, essa raça de cães, tão lindos e tão bons, que basta olharmos para os seus olhos, para termos a certeza, que êles sacrificarão a sua vida, para salvar aqueles, que estão em perigo.

Barri o célebre cão, que possuia tantas medalhas, pelos inúmeros salvamentos, que fez de viajantes, que sem o seu auxílio teriam morrido, enterrados na neve, sem que ninguém désse pelo seu desaparecimento.

E' interessante ver como êsses animais ensinados pelos frades e pelos guias sabem descobrir, os viajantes perdidos, sabem vir dizer onde êles estão, e, alguns levando ao pescoço frascos de rum, sabem dar um cordial àqueles que o frio fez desmaiar.

E o cão Terra Nova êsse cão tão lindo que se atira á água, nadando e esforçando-se por trazer para terra os que estão para se afogar? E' um animal nobre que sacrifica a sua vida, para a dar ao homem, que tantas vezes lhe dá pontapés!

Mas há na natureza e nos animais tantos exemplos, que o homem deve seguir, mas em vez disso, vemo-lo dedicar-se tanta vez ao mal e em vez de socorrer o seu irmão em perigo, agravar-lhe a situação.

E não são só os perigos físicos, os que prejudicam o homem, mas os perigos morais, que são ainda mais graves e vemos a calúnia, a perfídia, a malquerença, entre os homens, fazerem tanto mal, tão grandes estragos, que os perigos físicos, a seu lado quási desaparecem.

Dessas coisas não é o cão capaz, porque não tem fala? Não, porque é leal. O cão é o maior amigo do homem e a sua fidelidade é absoluta.

E quer seja cão de pastor, dêsses cães quási lobos, que vivem pelas serras, guardando o gado, juntando-o, lutando com os lobos, com os ladrões com aqueles que querem lesar o seu dono, roubando-lhe o que lhe pertence, quer seja mimoso cãosinho de regaço, perfumado e acarinhado por doces mãos femininas, o que êle não é capaz, é de revirar o dente e morder a mão que o afaga, que o alimenta e que o protege.

A sua dedicação aos donos é absoluta, é sincera, é sem igual e portanto é muito para apreciar num irracional, que assim dá lições a muitos que se crêem sumidades intelectuais, mas a quem falta o caracter para reconhecer quem lhe fez bem.

No olhar do cão, ainda o mais bravo, aquele que parece feroz, há quando está junto dos que o estimam uma ternura tão profunda, que impressiona. Eu recordarei sempre a fiel ternura dum feroz lobo da Alsácia, que pertencia a uns amigos meus. Cão temivel para os desconhecidos e que reconhecendo-me como amiga, me olhava com uma doçura de expressão impressionante nos seus fulgurantes olhos de lobo.

Mas o lobo nem sempre é o que parece e é mais fácil um cãosinho de sala que abana a cauda a todos ferrar o dente, do que ao forte mas leal animal que é o cão de guarda fazer mal aos que estima.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

A mulher quando é mãi tem sôbre si grandes responsabilidades, que nem tôdas as senhoras sabem compreender. Os filhos não são bonecos que se enfeitam com rendas e laços e que se entregam a mãos mercenárias, para com êles não ter incómodos de qualidade alguma.

A senhora que pela sua fortuna ou posição social, não se pode ocupar, ela própria, de seus filhos, deve escolher para os tratar, pessoal sério, e, que ainda que seja bem recomendado, deve ser por ela continuamente vigiado.

Mas não é só enquanto na primeira infância o seu bem estar físico requer o maior cuidado que a mãi deve olhar pelos seus filhos, é sempre e talvez mais ainda, quando êles vão crescendo e se vão desenvolvendo, as suas inteligências se vão abrindo à vida e a sua compreensão vai abrangendo tudo o que há de bom e de mau neste mundo, sobretudo numa época como esta que vamos atravessando, que é sem dúvida duma moral de fim duma civilização.

É preciso o máximo cuidado na escolha da aia, a quem se entrega uma criança, na criada que ampara os seus primeiros passos, que a acompanha nos seus brinquedos, nas suas reüniões com outras crianças.

Mas há ainda para atender e muito mais a questão das professoras, a quem é tanto de uso nas famílias abastadas entregar as crianças, sobretudo as meninas.

Enquanto se trata de professoras nacionais é fácil averiguar a que família pertencem as senhoras, que se dedicam ao ensino, qual a sua moralidade, a educação, instrução e religião, nas famílias católicas, que não entregam seus filhos sem saber a quem o fazem.

Mas quando se quer que as meninas aprendam línguas, ainda o melhor meio é a professora estrangeira, que em pouco tempo as ensina à criança, que tem em geral uma grande facilidade em as aprender.

Mas aqui é que está a grande dificuldade, a que a mãi deve de dar a maior atenção. A quem é que vai entregar as suas filhas?

São almas puras, inocentes, páginas em branco e que ilustrações lhes pode dar a estrangeira, que vem doutro país, de outros hábitos, que tem uma maneira diferente de ver as coisas e quem sabe de uma moral também muito diversa da da família onde vai desempenhar um tão importante e sério papel.

Não há muito tempo que entrando numa casa de chá, notei numa meza, uma menina de aspeto modesto ainda que elegante, vendo-se que pertencia a uma família abastada, mas recatada na sua apresentação. Acompanhava-a uma mulher extremamente pintada, vestindo espalhafatosamente, fumando. Achei tão estranha a companheira da menina, que observando sempre o que à minha volta se passava sentei-me perto da mesa por elas ocupada.

Falavam inglês e pela conversa vi que era uma dessas professoras, que tão nocivas são às vezes na vida duma rapariga e que representam para ela um verdadeiro perigo e êsse perigo é introduzido, pela facilidade que temos em aceitar tudo o que de fóra nos vem e que nem sempre aceitaríamos, e ainda bem, numa senhora portuguesa.

Lembrei-me imediatamente dum livro de Marcel Prevost «Les anges gardiens», livro que devia ser lido, meditado e estudado por tôdas as mãis, antes de introduzirem em sua casa, esse perigo, que pode representar uma estrangeira, toucam[illegible] trazido para o seio da família.

Não sou contra o uso que estabeleceu que é elegante ter uma professora estrangeira, mas sou-o e muito contra a forma como isso se faz, muitas vezes sem que aquela a quem se entrega o maior tesouro duma família — uma menina — dê as garantias de moralidade, que tôdas as mãis deviam exigir.

Este perigo é menor para as famílias religiosas, que se podem dirigir a casas, que lhe indiquem uma professora, digna da sua missão.

Mas infelizmente há tanto quem nesse assunto não tenha escrupulos e que tome, apenas por um anuncio, a mulher a quem vai entregar a direcção moral e a vigilância da sua filha, às vezes apenas com as vagas informações duma outra família, que está desejando ver-se livre dela, sem ter que pagar a repatriação, à professora que mandou vir.

Mas ainda que a professora estrangeira reuna todos os predicados, que a sua espinhosa missão exige, honestidade, rectidão de caracter, instrução e uma moral perfeita, nem assim a mãi deve descançar em absoluto e deve vigiar, que através de ideias e de pontos de vista diferentes a sua filha não sofra a influência duma desnacionalisação e não adquira hábitos diferentes.

O papel de mãi é muito diferente. A mulher que casa que funda um lar, que cria uma família tem de se convencer, que assume perante Deus e perante a sociedade uma altíssima responsabilidade.

A fortuna se a tem não a desobriga dos seus deveres, nem lhe altera as suas responsabilidades que são imensas. É natural que se rodeie de quem a auxilie, mas nunca de quem a substitua.

Os filhos são o seu melhor tesouro, e como um avarento vigia as suas riquezas, ela deve vigiar aqueles a quem deu o ser.

Maria de Eça

A Moda

A primavera não nos trouxe ainda as galas das suas flores e a verdura das árvores, o trinar dos pássaros, as lindas manhãs de céu azul e transparente, mas a moda previdente e cautelosa já lançou os seus ditames, através de todo o mundo e os leves vestidos já fizeram a sua aparição, e os chapéus floridos, que aparecem com entusiasmo, já adornam as preciosas cabeças das elegantes, que adivinham a moda.

Dum momento para o outro o tempo muda e as previdentes aparecerão com todos os seus encantos realçados, pelos frescos vestidos e pelos floridos chapeus.

O triunfo é sempre de quem primeiro apresenta as novidades e de quem com mais garbo as usa e, por isso tôdas as senhoras esperam anciosas as primeiras indicações de Paris, a cidade rainha da moda.

Damos hoje vários modelos que devem agradar às mais exigentes das elegantes.

As viagens aproximam-se e por isso é preciso ter uma «toilette» preparada para as digressões, que o bom tempo tanto faz apetecer.

Um vestido de saia e casaco é sempre o mais indicado e damos hoje um lindo modêlo num tecido de lã esponjoso e leve, que ad[illegible] mente se adapta a êste género de vestidos; uma graciosa fivela aperta o cinto. O vestido é do tom café com leite, sapatos e chapéu em antílope castanho tornam o conjunto elegantíssimo. Um casaco «trois quarts» em grossa fazenda castanha, «double beije» claro faz com que nada haja a recear das surprezas do tempo, sempre a atender para quem viaja.

Para o género simples, um vestido e [illegible] de «chine» branco, guarnecido com botões azuis escuros e brancos, uma fivela azul escura fecha o cinto e uma «écharpe» azul escura, branca e azul claro enrola-se graciosamente no pescoço. Chapéu em palha branca com uma fita azul es[illegible].

Como chapéu de primavera nada mais novo e gracioso do que êste toque em fôlhas de rosa, em grosso setim com algumas fôlhas em veludo dos lados as rosas completas dão a maior frescura a êste chapéu que um leve véu guarnece dum lado, flutuando sôbre o cabelo.

A mulher elegante é «chic» preocupando-se tanto com a sua roupa íntima como com os seus vestidos.

A roupa da mulher elegante é hoje dum requinte extraordinário e tem de ser adequado ao [gé]nero de vestido com que é usada, naturalmente. Os vestidos cortados a jeito e modelando [illegible] exigem combinações com o mesmo corte. As rendas e os finos trabalhos de agulha, bordado a branco, bordado inglês, pontos e fios tirados, tornam as peças de roupa verdadeiras obras primas.

Damos um lindíssimo modêlo de «déshabillé» em setim côr de rosa muito flexível guarnecido de lindíssimas rendas, que formam a mais leve e rica guarnição.

Este «déshabillé» está indicado para as noivas, e, é duma elegância e distinção, que sendo rico o tornam leve e interessante, sem pretensões de deslumbrar como certos «deshabillés» das «stars» de Hollywood.

As «lingères» mais em voga em Paris são Suzanne Joly, Olga Wirrovo e Irenne Marguerite.

As suas novidades para a nova estação são deslumbrantes, e, é natural que sejam a tentação da mulher elegante e que sabe vestir.

Higiene e beleza

A beleza da mulher para ser completa e perfeita tem de ser devidamente cuidada e êsse tratamento deve ser para todo o corpo e não só para a cara e para as mãos que estão à [vista].

Os pés exigem o maior cuidado e não basta que os pés sejam bonitos quando estão calçados com um bom par de sapatos. Nús devem ter a mesma beleza. Para conseguir isso tem de fazer-se ginástica como para o resto do corpo.

É preciso exercitar os musculos para que não tenham gordura inútil, devem fazer-se os seguintes movimentos: 1.º elevar o corpo lentamente nas pontas dos pés, com as mãos nas ancas, e, aspirando pelo nariz, ao descer expirar pela bôca. Êste exercício faz-se dez vezes. 2.º cinco vezes a volta ao quarto, andando nas pontas dos pés, 5 vezes a mesma volta sôbre os calcanhares.

Em seguida sentando-se e com a perna apoiada num tamborete imprimir ao tornozelo um movimento de rotação, primeiro pela direita e depois pela esquerda. Isto vinte vezes. Em seguida untar os pés com o seguinte preparado: Timol 1 grama. Essência de thim 4 gramas. Essência de alfazema, 5 gramas. Gordura de lan, branca 100 gramas. E nunca usar calçado curto ou apertado.

As cabeleiras femininas

Estamos num verdadeiro periodo de [illegible] grandes cabeleireiros parisienses estes asseguram a volta dos cabelos compridos. A era dos [illegible]

[illegible] muitos cabelos compridos [illegible] é atravessar o crescimento do cabelo. Voltaremos aos postiços, declara um dos artistas que [illegible] pelos cabelos longos e sedosos. A cidade de Bordéus ocupava antigamente no trabalho de cabelos centenares de operarios especialisados e fornecia desta mercadoria a Inglaterra, a Holanda, a Alemanha e a América.

[illegible] os cabelos é extremamente com[illegible] operá[rios] [illegible] que se faziam em vários pontos como nos Pirinéus e no Languedoc, onde os operários desde crianças se adestravam [nesse] trabalho. E há ainda os centros que forneciam a delicada matéria prima e entre êles [os conven]tos, que vendiam a favor dos pobres, os cabelos das raparigas que se dedicavam a Deus.

Agora há-de ser difícil encontrar no mundo mercados de cabelos, tal foi a fúria feminina em os cortar e teremos de recorrer a cabelos artificiais como as bonecas.

A longevidade

O problema da longevidade interessa todos mesmo aqueles, que baratustando contra as [misé]rias dêste baixo mundo, aspiram a abandoná-lo o mais tarde possível.

Como conseguir essa aspiração? É difícil responder. Não sòmente não há regra para garantir uma longa vida, e cada pessoa que vive muito demonstra a impossibilidade de estabelecer [illegible]

A abstinência, a frugalidade, a mesa pobre não são sempre garantias de longa vida. Há centenários nos cartuchos e há-os nos apreciadores de bons bocados e até nos pecadores de gula.

Uma prova do que aqui dizemos é-nos dada por uma sessão da Academia Francesa de Agricultura, onde se fez esta explicação explícita que o vinho é um notável coeficiente de longa vida. Uma estatística redigida pelo proprio presidente da Academia o sr. Alquier estabe[lece] num longo e douto estudo sôbre o valor biológico e nutritivo de todos os alimentos, que nos países vinícolas a longevidade é frequentíssima. No Médoc trinta por cento dos habitantes [vivem] além dos setenta anos e dêstes um terço chega aos oitenta e um décimo chega aos noventa e treze são os centenários. Que deliciosa esperança esta para os portugueses, filhos dum país essencialmente vi[nícol]a.

Uma religiosa poetisa

Em Gondershem, próximo de Brunswig celebrou-se há seis anos o milésimo aniversário do nascimento da poetisa Raswitka, que abriu um caminho florido aos «Mestres cantores» quer dizer aos [illegible]

[illegible] divertia-se debaixo dum carca[illegible] de verdura, a compôr e escrever em latim a narrativa fantás[tica] [illegible] a vida do imperador Oto I vencedor dos Scitas e dos Húngaros e que se tinha dado o título de protector das [illegible]

Depois dêste livro de história Raswitka [illegible] lendas e [illegible] da «Tavola Redonda». Ao frade Rubkar que lhe pedi[illegible] [illegible] respondeu: «Leiu Terencio e procuro imi[tar]» [illegible]

Nascida em Brunswig em 9[illegible], a poetisa mor[reu] [illegible] 1002. As suas obras só foram publicadas [em] 1707 em Wittemberg por intermédio [illegible] Dr. Schmegfleish. Há nelas tôda a sensibilidade e fantasia que se encontram nas obras das cantoras do fim da época romana e gótica.

Receitas de cosinha

Pudim de chocolate. Amassam-se até [illegible] amolecimento, 125 gramas de manteiga, deitam-[se] numa terrina ou tigela que tenha água quente e bem limpa, bate-se com uma colher de pau até que esteja como uma pomada, juntam-se 100 gramas de açucar em pó e uma colher de açucar com baunilha. Trabalha-se vigorosamente [illegible] um pouco de água (para facilitar a mistura deitar no chocolate algumas colheres da primeira composição), 40 gramas de farinha e 40 gramas de fécula de batata, e, por último, 4 claras batidas em [castelo].

Barra-se uma fôrma com manteiga ou açucar em ponto e deita-se dentro a massa do pudim [e] vai cozer em banho-maria. Logo que o pu[dim] [illegible] minutos, antes de o desenformar. Deita-se num prato e guarnece-se com créme de ovos e leite ou créme de chocolate.

De mulher para mulher

[illegible]dita. Acho a filha muito cedo para pensar em [illegible], mas se o seu marido já pensa nisso acho que deve pôr-se de acôrdo com a vontade dêle. A sua declaração de que em praia não resistirá ao [illegible] e ao banho de sol, faz-me aconselhá-la a que desista de praia. Não posso deixar de dar tôda a razão a seu marido de não gostar de a ver em pública exposição, isso só demonstra que a estima e considera.

Vitorile. Um vestido preto de seda ficar-lhe-á [muito] bem. Alegre-o com branco, o branco e [preto] é sempre belo. Os sapatos em antílope [illegible] muito e são sempre elegantes.

Lola. Sim, tem razão, é tristíssimo o que se passa, mas aceite com resignação essa cruz, que tanta mulher carrega, ocupe-se dos seus filhos e como diz que êle tem bom coração, espere que se modifique perante a sua atitude correcta e digna.

Et solid... Tenha juizinho porque aos vinte e nove anos é muito boa idade de o ter, deixe-se de ser moderna no sentido em que emprega essa palavra e seja séria.

Pensamento

A mulher é sempre atraente quando é espirituosa com simplicidade.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua), Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno), do Povo; Brunswick (antiga linguagem), Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha, Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré, Adágios, de António Delicado

APURAMENTOS

N.º 47

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DAMA NEGRA
N.º 1

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO
N.º 18

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Veiga, n.º 13, Bisnau

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 25 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan

QUADRO DE MÉRITO

Ti Beado, 18. — Salustiano, 1[illegible] — Rei Luso, 1[illegible] — Só Na-Fer, 16. — Só Lemos, 15 — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Lamas & Silva, 14. — Salustiano, 14

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — *Fasto-tosa-fastosa.* 2 — Cora[illegible] 3 — Mata-tacão-matacão. 4 — [illegible] 5 — Esmola. 6 — Tudo nada. 7 — Popular. 8 — Dormente. 9 — Paulista-pauta. 10 — Tendeiro-tenro. 11 — Antojo-anjo. 12 — Xixi (XIXI). 13 — Remido. 14 — Carrasco a-ão. 15 — *Canada.* 16 — Lena. 17 — Parcamente. 18 — Filogino. 19 — Formoso e aleivoso

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) *Dirigi* todos os *passeios* sem *rodeios.* [illegible]

Lisboa — *Rei Luso*

2) Do antigo *passal parte* está em *ruínas.* 2-2 (3).

Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

NOVÍSSIMAS

3) *A magistratura* estava vestida de *luto*, por ordem do *magistrado judicial.* 2-1

Lisboa — *Caçador*

4) Não me levas *vantagem com* a tua *bazófia* . . . 1-1.

Tomar — *Mar Said*

5) Quantos perigos a gente *atravessa* e quanta *pena* nos faz o tempo *decorrido*! 2-1.

Lisboa — *Ras Kassa*

6) A *aspiração* de «*um*» leigo em charadas é ser *cobiçoso.* 3-1.

Luanda — *Ti-Beado*

(Muita parra e pouca uva . . .)

7) Isto de *Comissão* dos Treze, Pacto de Locarno, «*Entendimento*» franco-britânico, etc., etc. . . . «*também*» já deu o que tinha a dar. [illegible]

Lisboa — *Vidalegre*

8) O *feitiço aqui*? Ó que *decepção*! [illegible]

Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

SINCOPADAS

9) Só com o teu *chôro* aumentaram as *águas* de volume . . . 3-2.

Lisboa — *D. Pepita*

10) Que *maridade* e encanto tem o teu nome, «*mulher*»! 3-[illegible]

Coimbra — *José Tavares*

11) Que *engraçado* é ter alguém *muito amigo*! 3-2.

Lisboa — *Moreninha*

12) A *mulher de mau porte* tem boa *alimentação.* [illegible]

Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

13) O *grito da rã* é *incompleto.* [illegible]

Luanda — *Ti-Beado*

(A minha querida L . . . .)

14) Fica então *determinado*, o nosso amor será *constante.* 3

Lisboa — *Veiga*

15) A verdade [illegible] *metro poetico.* 3-2.

Coimbra — *Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

16)
Tenho cinco letras sòmente,
E três delas são vogais
Retendo-as tôdas na mente
Um nome de homem achais.

Depois da última tirada,
Vemos então aparecer
Porção de água estagnada,
Imprópria para beber.

Mas vós não deveis pasmar
Quando depois de se tirar
À outra que se lhe segue

Virdes surgir um cajado
Direito a vós, desvairado,
Mas não vos mata sossegue . .

Coimbra

Vir Invictus (C. C. C. — L. A. C.)

LOGOGRIFO

17) *Despido*, nu, de verdes isolado, 2-5-[illegible]
O *campo* tinha aspecto moribundo. 1-4-2-8-1
Em *pedra* negra, bordo calcinado — 7-1-9-10-3
Que *muito aquece*, com calor profundo, — 8-6-10-[illegible]
Cabeça posta, dorme, de mansinho — 7-3-12-4-13
E sem morrer, um pobre *rapazinho.* —

Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

MEFISTOFÉLICAS

18)
Um *namôro* hei de arranjar
Com o vizinho do lado,
Cuja *afeição*, se pegar,
O tornará *afamado.* (2-2) 3.

Lisboa — *Miss Diabo*

19)
Vou *deixar* o meu amor
Pelo seu *comportamento*,
E p'ra não morrer de dor
Hei-de arranjar com calor
Um novo *divertimento.* (2-2) 3

Lisboa — *Repórter Fatal*

NOVÍSSIMAS

[illegible]

(Do *Jornal do Comércio* [illegible])

20) Aquele amigo nosso . . . e de Peniche
Que há tempo a invernar aqui tivemos,
Pagou agora, amigo honrado e «fixe»,
Os muitos tagatés que lhe fizemos

Disse, e *ainda* soa o caloroso espiche, — 1
Que são demais as possessões que temos!
(Como evitar que a azeda bile esguiche?)
As que nos restam e outras que . . perdemos.

Tôdas a raça lusa conquistou
E descobriu. Bem sabe a Grã-Bretanha
A quantos essa glória aproveitou . . .

Pequena esta *Nação*! E foi tamanha — 2
Que em todo o Mundo a sombra projectou!
Que o saiba o *grande* amigo da Alemanha!

Lisboa — *Sileno*

SINCOPADAS

(A ilustre autora da sincopada n.º 20 inserta na «Ilustração n.º . .»)

21) Quem dera que «*Deus*» ouvisse
O vosso humano almejar;
Que a vida em terna ledice
Vos corresse sem cessar!

Quem dera que a ajudasse
Esse Deus que só faz bem!
— Talvez *então* lhe agradasse
A minha côrte também . . .

Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

22) É *perigoso* o amor,
Êsse tormento divino,
Que é *grande* mesmo se fôr
Dum coração pequenino. — 3-2.

Tramagal — *Padre Mato*

TRABALHOS DESENHADOS

[illegible] ENIGMA FIGURADO

Silva Pôrto — *Efonsa*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

Novo ministro da Checo-Eslováquia

O sr. dr. Robert Flieder, novo ministro da Checo-Eslováquia em Lisboa, entregou no dia 4 do corrente ao Presidente da República as suas credenciais. A cerimónia decorreu conforme os usos, tendo os discursos que se trocaram sido marcados por um vivo tom de afectuosidade. Na tarde do mesmo dia, o diplomata colocou na base do monumento aos Mortos da Grande Guerra um ramo de flores. Estavam presentes representantes das autoridades e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Na gravura acima vê-se o dr. Robert Flieder (à direita) com o pessoal do protocolo.

Visita de estudo à Tôrre de Belém

O Nucleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal» promoveu no dia 29 do mês findo uma romagem patriótica à Tôrre de Belém. Presidiu à cerimónia o sr. coronel Cardoso dos Santos. Usaram da palavra diversos oradores, que evocaram algumas grandes figuras da nossa História. Na gravura acima vê-se um aspecto da visita.

A festa dos Vendedores de Jornais

No Coliseu dos Recreios realizou-se no dia 5 deste mês, com invulgar concorrência de espectadores, o festival a favor da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais. Representou-se a revista «Última Maravilha» e exibiram-se números de variedades que obtiveram extraordinário êxito. Os Vendedores exibiram o seu rancho de Estarreja que foi muito aplaudido. Daniel Martins com as suas imitações foi o acontecimento da noite. O publico exigiu o prolongamento do seu número aplaudindo-o sem descanso. Vieram depois os bailarinos Little's Mendes, a pequena e graciosa Laura Alves, em canções espanholas, e com Ivone Nogueira no «Fado à história». Emília Can-

deias cantou o fado com sentimento e Carmencita Aubert exibiu alguns números do seu repertório. Por fim, Nascimento Fernandes, Mirita Casimiro e Beatriz Costa apresentaram as suas últimas criações. As gravuras que aqui damos representam, em cima à direita, o Rancho de Estarreja, e à esquerda Beatriz Costa em «O rapaz dos cágados» com um grupo de «ardinas».

A organização do espectáculo que foi admirável esteve a cargo do conhecido comediógrafo Lino Ferreira. Os diversos numeros foram anunciados por Erico Braga e a orquestra Sousa Pinto abrilhantou o espectáculo, que se prolongou pela noite adiante.

Política externa de Portugal

O ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. dr. Armindo Monteiro, que representou o nosso país na reünião do Conselho da S. D. N. em Londres, regressou no dia 30 do mês findo a Lisboa, tendo sido acolhido com uma imponente manifestação em que se destacavam oficiais de terra e mar.

No dia 6 dêste mês, o sr. dr. Armindo Monteiro convocou para o Palácio das Necessidades os representantes dos jornais diários de Lisboa e Pôrto e das agencias de informação. Tinha essa recepção por fim informar a Imprensa da posição do nosso país perante as graves questões internacionais que nêste momento se debatem. Numa extensa exposição tornada pública pelos jornais, o ministro dos Negócios Estrangeiros fez o relato pormenorizado das consequências da remilitarização da Renania no dia 7 do mês findo, e da posição assumida pelo nosso país perante essa delicada situação. A Imprensa estrangeira reproduziu e commentou lisonjeiramente algumas passagens das declarações do dr. Armindo Monteiro, cuja intervenção em Genebra foi importante. Na gravura superior, a recepção aos jornalistas; na da esquerda a chegada do ministro.

A conclusão do Cruzeiro Aéreo às Colónias

Vindos de Lourenço Marques chegaram no passado dia 2 a Lisboa, a bordo do paquete «Niassa» os aviadores que por motivos acidentais não poderam concluir por via aérea o Cruzeiro ás Colónias Eram êles os srs. coronel Cifka Duarte, chefe da missão, major Pinheiro Correia, comandante da segunda patrulha da esquadrilha; capitães José Pimenta e Amado da Cunha, tenente Manuel Gouveia e sargento mecânico Anibal

Um rebocador conduziu a bordo do «Niassa» os srs. almirante Gago Coutinho, tenente-coronel Jorge de Castilho, capitães Gonzaga Pinto, adjunto da Inspecção de Aeronautica, que representava o director da Arma, brigadeiro Silveira e Castro; Frederico Costa, comandante do Grupo de Aviação e Informação n.º 1; tenentes Humberto da Cruz e Temudo; aviador civil Reis Trincão, sargento-ajudante Santos, mecânico Santos, Artur Prata e a sr.ª D. Preciosa Pimenta, esposa do sr. capitão José Pimenta

Depois de efusivos cumprimentos os aviadores desembarcaram, sendo aclamados pelo povo que acorreu ao cais.

Seis dias depois aterraram no aeródromo da Amadora, os aviadores srs. major Pinho da Cunha capitães Baltazar e Cardoso e mecânicos Simões, Deniz e Ramos, que constituindo as tripulações dos três «Vicker's» regressaram á Metropole por via aerea, depois de terem percorrido 30.000 quilómetros

Entre as muitas pessoas que compareceram naquelle campo de aviação, figuraram os srs ministro da Guerra, almirante Gago Coutinho, generais Hamilcar Pinto e Malheiro; brigadeiros Silveira e Castro, director da Aeronautica Militar; Penalva da Rocha, comandante da Frente Maritima; coroneis Cifka Duarte, inspector da Aeronautica, e Bento Roma.

A Aviação Naval estava representada pelos srs. comandantes José Cabral, Gomes Namorado, Paulo Viana e tenentes Sanches, Nogueira, Trindade e Barata.

Numa sala da «mess» dos oficiais foi em seguida oferecido um «Pôrto de Honra» aos componentes da patrulha, que decorreu num ambiente de fraternal camaradagem.

Trocaram-se amistosos brindes, apresentando o sr. capitão Frederico Costa, 2.º comandante da unidade, os cumprimentos de boas vindas aos aviadores em nome dos oficiais do Grupo de Aviação e Informação n.º 1.

Assim terminou a prova difícil e arriscada que foi o Cruzeiro Aéreo às Colónias. Os seus resultados podem considerar-se lisonjeiros para a aeronáutica portuguesa e sobretudo para os seus pilotos e mecânicos.

As nossas gravuras representam em cima aspectos da chegada do «Niassa» á esquerda e da patrulha do major Pinto da Cunha á direita. Por baixo, os aviões, no momento de aterrarem na Amadora.

Passagem em Lisboa duma excursão francesa

A bordo do navio francês «Champlain» passaram no dia 7 dêste mês em Lisboa numerosas individualidades que realizam uma excursão por Portugal, Espanha, Marrocos, Açores, Madeira e Canárias. Entre os excursionistas figuravam algumas dezenas de médicos, alguns deles professores iminentes da Universidade de Paris e Bordeus, que foram recebidos pelos seus colegas portugueses. Depois dum passeio aos Estoris e Sintra, realizou-se à noite a bordo do «Champlain», e sob a presidência do seu comandante, M. Silvestre, um jantar oferecido pelos clinicos franceses a um escolhido grupo de professores da Faculdade de Medicina de Lisboa, entre outros os professores drs. Celestino da Costa, Sobral Cid, Costa Sacadura, Augusto Monjardino, Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, Lopo de Carvalho, etc. O sr. ministro da França e pessoal da legação pertenciam também ao número dos convivas

A bordo do «Champlain» vinha ainda membros da «Association dos Mutillés et Anciens Combatants» a quem os antigos combatentes portugueses dispensaram uma carinhosa recepção. Os visitantes estiveram no Monumento aos Mortos da Grande Guerra, onde depuseram uma palma de bronze.

As gravuras mostram: á esquerda o sr. ministro da França com os dirigentes da excursão; á direita, os combatentes franceses ao desembarcarem em Lisboa com o seu estandarte.

Actualidades internacionais

O entêrro de Venizelos

A Grécia tributou ao seu ilustre estadista Venizelos uma digna homenagem, de respeito e saudade. Satisfazendo a vontade do falecido, o seu corpo foi sepultado na ilha de Creta. A inhumação realizou-se em Akrotiri, a dez quilómetros de Canea. Sobre a urna foi derramada terra vinda de todas as regiões da Grécia. A gravura acima representa um aspecto do cortejo fúnebre.

Luta desigual

Numa feira que se realiza próximo de Bucarest exibe-se agora um lutador que trava luta com um grande urso negro. Apesar da grande superioridade do animal em fôrça e pêso, é sempre o homem que vence, conseguindo lançar por terra o seu adversário.

«Cross-country» difícil

Os estudantes do Colégio de Bradfield disputam todos os anos um «cross country» eriçado das mais imprevistas dificuldades, o que lhe dá poderoso interesse. Figura entre os obstáculos a travessia duma torrente muito rápida, como se vê na gravura abaixo.

O serviço militar na Austria

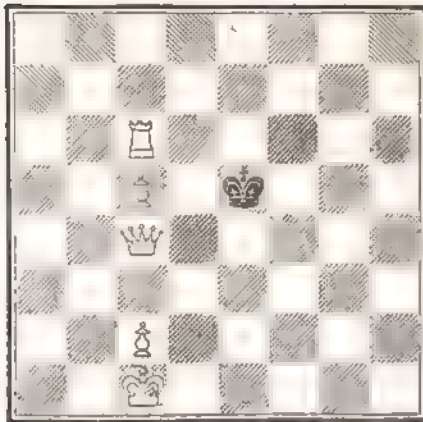
O serviço militar obrigatório acaba de ser restabelecido na Austria com violação das cláusulas do Tratado de Saint Germain. O facto, que produziu considerável comoção na Europa, veio contribuir para aumentar a tensão internacional e deu origem a um protesto da Pequena Entente. A fotografia acima representa o chanceler Schuschnigg anunciando a nova lei.

Uma profissão arriscada

Ninguém contestará que a profissão de lavador de vidros nos «arranha-céus» de Nova York não seja uma profissão que exige considerável dose de coragem. A gravura abaixo representa uma equipa deles, suspensa por delgadas correias, num dos andares superiores dum gigantesco edifício.

Xadrez

(Problema por Lotze)

Brancas 5 — Pretas 1

Jogam as brancas e dão mate em três lances.

Bridge

(Problema)

Espadas
Copas — A. D.
Ouros — R. 5, 2.
Paus — 6, 4, 3.

Espadas — — — —. N Espadas — 4.
Copas — 9. Copas — R. V. 10, 4.
Ouros — 10, 8, 7, 6. O E Ouros — D. V. 9.
Paus — R D. 10. S Paus — — — —.

Espadas — 6, 3, 2.
Copas — 5, 3.
Ouros — A. 4, 3.
Paus — — — —

Trunfo é espadas. *S* joga e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga Az de paus, *O* 3 de paus, *N* 5 de ouros, *E* 5 de paus.

S joga Az de ouros, *O* 6 de ouros, *N* 10 de ouros, *E* 2 de ouros.

S joga 8 de espadas, *O* uma espada, *N* Dama de espadas, *E* 3 de ouros.

N joga Dama de copas, *E* 4 de copas, *S* 2 de paus, *O* uma espada ou paus.

N joga 10 de copas, *E* 7 de copas, *S* 7 de paus, *O* uma espada ou paus.

N joga 2 de copas, *E* qualquer carta, *S* 7 de ouros. *O* tem de baldar-se a Rei de ouros ou a espadas, fazendo *N* e *S* as outras duas vasas.

Concurso de alfinetes furados

A Austrália inteira entusiasmou-se o ano passado, por um estranho concurso.

Um relojoeiro de Brisbane, Mr Grimason, pegou num alfinete vulgar e furou-o de lado a lado no sentido do comprimento, enfiando-o em seguida, num cabelo.

Mr. Merfield, de Melbourne, quiz fazer melhor. Pegou num alfinete pequenino, fez-lhe um buraco, fez passar por êsse buraco um outro alfinete e furou-o da mesma maneira.

Mr. Grimason sentiu-se fortemente despeitado. Isolou-se durante meses inteiros e por fim, apresentou aos olhos maravilhados do público três alfinetes, uns dentro dos outros, todos furados; o terceiro continha ainda um quarto alfinete que se não podia distinguir sem auxílio de óculos.

Uma excentricidade como outra qualquer. Podia-lhes ter dado para pior!

Rataria

Em Inglaterra, está agora em moda a criação de ratos. Não consta que seja para lhes aproveitar as peles, como sucede com os coelhos, as raposas, os gatos e até os cães. Por enquanto, os ratos são apenas um passatempo popularisado pelo célebre rato de cinema Mickey.

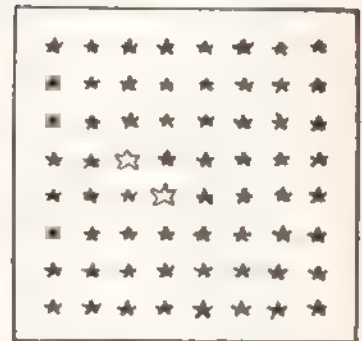
Um comerciante de Londres anunciou, recentemente, num jornal dessa cidade que comprava 10 000 ratos mansos.

Vendem-se ratos brancos, pretos, azuis e parece que está para aparecer uma nova variedade côr de tejolo.

Muito aborrecida devia ser a vida nos escritórios antes de inventarem as dactilógrafas, não é verdade?

(Do «Humorist»)

As estrêlas brancas

(Problema)

Ponham a ponta do lápis numa das duas estrêlas brancas e, sem o levantarem de cima do papel, passem por tôdas as 62 estrêlas pretas, traçando quatorze linhas rectas, e terminando na segunda estrêla branca. As linhas que traçarem podem seguir a direcção que quizerem, mas cada mudança de direcção deve efectuar-se sôbre uma estrêla, não sendo defezo passar sôbre a mesma estrêla mais duma vez.

Vêr-se-há que é muito fácil resolver a questão pelo traçado de dezasseis rectas e também se poderá consegui-lo, com relativa facilidade, pelo traçado de quinze. Mas o que se pretende é que ela se resolva pelo traçado de catorze.

Automotora de vidro

A direcção de Munich, da Reichsbahn pôz, há mêses, em serviço uma automotora, de género absolutamente novo, na linha de Berchtesgaden. A fim de que os viajantes possam admirar a paisagem à sua vontade e desfrutar o golpe de vista mais vasto possível da região que vão atravessando, as paredes da dita automotora foram construidas de vidro inquebravel.

Êste «comboio de vidro» contém sessenta e quatro lugares sentados de terceira classe, estofados e cujos espaldares se podem virar de modo, que o passageiro tanto se pode sentar no sentido do andamento como em sentido contrário.

Combate de grilos

Descobriram os chins que os inséctos têm paixões susceptiveis de serem excitadas e que podem ser irritados por ofensas mutuas a ponto de armarem brigas, que naturalmente nunca travariam. Dêste facto se aproveitam para, por via dêles, se divertirem dum modo barbaro, e que está em harmonia com os combates dos galos em Inglaterra, ou com o dos touros em Portugal, Espanha e Itália. Para fazerem pelejar dois grilos machos, os chins metem-os em uma espécie de tijela de barro de seis ou oito polegadas de diâmetro. Cada um dos donos dos dois grilos bole no seu com uma pena, o que os faz dar diferentes voltas ao redor da tijela, encontrando-se e empurrando-se ao passarem um pelo outro. Depois de terem tido vários encontros por êste modo, exasperam-se, por fim, e brigam até se despedaçarem mutuamente. Costumam também, os chins irritar a tal ponto duas codornizes que chegam a combater uma com a outra desesperadamente.

O galo é um dos emblemas da França. Adornou, sob a Revolução, as bandeiras francêsas; desapareceu sob o Império, reapareceu em 1830 e foi novamente suprimido por Napoleão III.

Buick 8
Analize
EM TODOS OS SEUS DETALHES OS NOVOS MODELOS «BUICK» DE 1936 E VERIFICARÁ UMA ENORME SUPERIORIDADE SOBRE TODOS OS OUTROS AUTOMÓVEIS DE TODAS AS OUTRAS MARCAS
DINIZ M. D'ALMEIDA
AVENIDA DA LIBERDADE
214 A 218 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Encontra-se à venda a 5.ª edição desta obra admiravel

PÁTRIA PORTUGUESA

Obra louvada em portaria do Govêrno de 20 de Dezembro de 1913 e aprovada para prémios escolares por despacho ministerial de 23 de Julho de 1914

Capa a côres de ALBERTO DE SOUSA

1 vol. de 336 págs., broch., **Esc. 12$50** — *Pelo correio à cobrança* **Esc. 14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
" " " " carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA